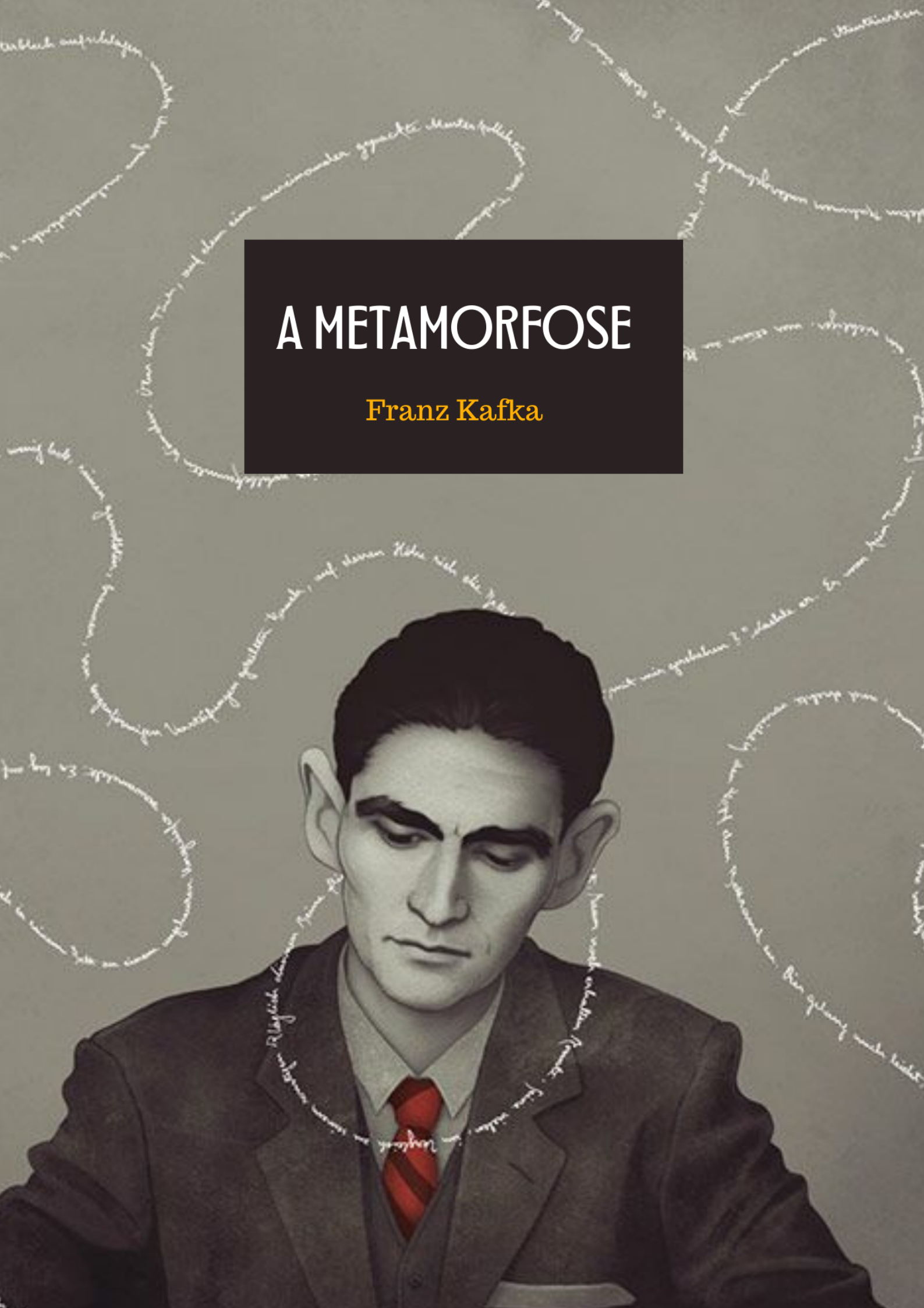
A METAMORFOSE

Franz Kafka



A METAMORFOSE

Franz Kafka

(Tradução de Modesto Carone)

Capítulo I

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranqüilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo de qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos.

— O que aconteceu comigo? — pensou.

Não era um sonho. Seu quarto, um autêntico quarto humano, só que um pouco pequeno demais, permanecia calmo entre as quatro paredes bem conhecidas. Sobre a mesa, na qual se espalhava, desempacotado, um mostruário de tecidos — Samsa era caixeiro viajante, — pendia a imagem que ele havia recortado fazia pouco tempo de uma revista ilustrada e colocado numa bela moldura dourada. Representava uma dama de chapéu de pele e boa pele que, sentada em posição ereta, erguia ao encontro do espectador um pesado regalo também de pele, no qual desaparecia todo o seu antebraço.

O olhar de Gregor dirigiu-se então para a janela e o tempo turvo — ouviam-se gotas de chuva batendo no zinco do parapeito — deixou-o inteiramente melancólico.

— Que tal se eu continuasse dormindo mais um pouco e esquecesse todas essas tolices? — pensou, mas isso era completamente irrealizável, pois estava habituado a dormir do lado direito e no seu estado atual não conseguia se colocar nessa posição. Qualquer que fosse a força com que se jogava para o lado direito balançava sempre de volta à postura de costas. Tentou isso umas cem vezes, fechando os olhos para não ter de enxergar as pernas desordenadamente agitadas, e só desistiu quando começou a sentir do lado uma dor ainda nunca experimentada, leve e surda.

— Ah, meu Deus! — pensou. — Que profissão cansativa eu escolhi. Entra dia, sai dia — viajando. A excitação comercial é muito maior que na própria sede da firma e, além disso, me é imposta essa canseira de viajar, a preocupação com a troca de trens, as refeições

irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo carregue tudo isso!

Sentiu uma leve coceira na parte de cima do ventre; deslocou-se devagar sobre as costas até mais perto da guarda da cama para poder levantar melhor a cabeça; encontrou o lugar onde estava coçando, ocupado por uma porção de pontinhos brancos que não soube avaliar; quis apalpa-lo com uma perna, mas imediatamente a retirou, pois ao contato acometeram-no calafrios.

Deslizou de volta à antiga posição.

— Acordar cedo assim deixa a pessoa completamente embotada — pensou. — O ser humano precisa ter o seu sono. Outros caixeiros viajantes vivem como mulheres de harém. Por exemplo, quando volto no meio da tarde ao hotel para transcrever as encomendas obtidas, esses senhores ainda estão sentados para o café da manhã. Tentasse eu fazer isso com o chefe que tenho: voaria no ato para a rua. Aliás, quem sabe não seria muito bom para mim? Se não me contivesse, por causa dos meus pais, teria pedido demissão há muito tempo; teria me postado diante do chefe e dito o que penso do fundo do coração. Ele iria cair da sua banca! Também, é estranho o modo como toma assento nela e fala de cima para baixo com o funcionário — que além do mais precisa se aproximar bastante por causa da surdez do chefe. Bem, ainda não renunciei por completo à esperança: assim que juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos meus pais — deve demorar ainda de cinco a seis anos — vou fazer isso sem falta. Chegará então a vez da grande ruptura. Por enquanto, porém, tenho de me levantar, pois meu trem parte às cinco.

E olhou para o despertador que fazia tique-taque sobre o armário.

— Pai do céu! — pensou. Eram seis e meia e os ponteiros avançavam calmamente, passava até da meia hora, já se aproximava de um quarto. Será que o despertador não havia tocado? Via-se da cama que ele estava ajustado certo para quatro horas: seguramente o alarme tinha soado. Sim — mas era possível continuar dormindo tranqüilo com esse toque de abalar aa mobília? Bem, com tranqüilidade ele não havia dormido, mas é provável que por causa disso o sono tenha sido mais profundo. E agora, o que deveria fazer? O próximo trem partia às sete horas; para alcança-lo precisaria se apressar como louco, o mostruário ainda não estava na mala e ele próprio não se sentia de modo algum particularmente disposto e ágil. E mesmo que pegasse o trem não podia evitar uma

explosão do chefe, pois o contínuo da firma tinha aguardado junto ao trem das cinco e fazia muito tempo que havia comunicado sua falta. Era uma criatura do chefe, sem espinha dorsal nem discernimento. E se anunciasse que estava doente? Mas isso seria extremamente penoso e suspeito, pois durante os cinco anos de serviço Gregor ainda não tinha ficado doente uma única vez. Certamente o chefe viria com o médico do seguro de saúde, censuraria os pais por causa do filho preguiçoso e cercearia todas as objeções apoiado no médico, para quem só existem pessoas inteiramente sadias, mas refratárias ao trabalho. E neste caso estaria tão errado assim? Com efeito, abstraindo-se uma sonolência realmente supérflua depois de longo sono, Gregor sentia-se muito bem e estava até mesmo com uma fome especialmente forte.

Enquanto refletia sobre tudo isso na maior pressa, sem poder se decidir a deixar a cama — o despertador acabava de dar um quarto para as sete, — bateram cautelosamente na porta junto à cabeceira da sua cama.

— Gregor — chamaram; era a mãe. — É um quarto para as sete. Você não queria partir?

— Que voz suave! — Gregor se assustou quando ouviu sua própria voz responder, era inconfundivelmente a voz antiga, mas nela se imiscuía, como se viesse de baixo, um pipilar irreprimível e doloroso, que só no primeiro momento mantinha literal a clareza das palavras, para destruí-las de tal forma quando acabavam de soar que a pessoa não sabia se havia escutado direito. Gregor quisera responder em minúcia e explicar tudo, mas nestas circunstâncias se limitou a dizer:

— Sim, sim, obrigado, mãe, já vou me levantar.

Com certeza por causa da porta de madeira não se podia notar lá fora a alteração na voz de Gregor, pois a mãe se tranqüilizou com essa explicação e se afastou arrastando os chinelos. Mas a breve conversa chamou a atenção dos outros membros da família para o fato de Gregor, contrariando as expectativas, ainda estava em casa — e já o pai batia, fraco, mas com o punho, numa porta lateral.

— Gregor, Gregor — chamou. — O que está acontecendo?

E depois de um intervalo curto advertiu outra vez, com voz mais profunda:

— Gregor, Gregor!

Na outra porta lateral, entretanto, a irmã lamuriava baixinho:

— Gregor? Você não está bem? Precisa de alguma coisa?

Gregor respondeu para os dois lados:

— Já estou pronto — e através da pronuncia mais cuidadosa e da introdução de longas pausas entre as palavras se esforçou para retirar à sua voz tudo que chamasse a atenção.

O pai também voltou ao seu café da manhã, mas a irmã sussurrou:

— Gregor, abra, eu suplico.

Gregor, entretanto não pensava absolutamente em abrir, louvando a precaução, adotada nas viagens, de conservar as portas trancadas durante a noite, mesmo em casa.

Queria primeiro levantar-se, calmo e sem perturbação, vestir-se e, sobretudo tomar o café da manhã, e só depois pensar no resto, pois percebia muito bem que, na cama, não chegaria, com as suas reflexões, a uma conclusão sensata. Lembrou-se de já ter sentido, várias vezes, alguma dor ligeira na cama, provocada talvez pela posição desajeitada de deitar, mas que depois, ao ficar em pé, mostrava ser pura imaginação, e estava ansioso para ver como iriam gradativamente se dissipar as imagens do dia de hoje. Não duvidava nem um pouco de que a alteração da voz não era outra coisa senão o prenúncio de um severo resfriado, moléstia profissional do caixeiro viajante.

Afastar a coberta foi muito simples: precisou apenas se inflar um pouco e ela caiu sozinha. Mas daí em diante as coisas ficaram difíceis, em particular porque ele era incomumente largo. Teria necessitado de braços e mãos para se erguer; ao invés disso, porém, só tinha as numerosas perninhas que faziam sem cessar os movimentos mais diversos e que, além disso, ele não podia dominar. Se queria dobrar uma, ela era a primeira a se estender, se finalmente conseguia realizar o que queria com essa perna, então todas as outras, nesse ínterim, trabalhavam na mais intensa e dolorosa agitação, como se estivessem soltas.

— Não fique inutilmente aí na cama — disse Gregor a si mesmo.

A principio quis sair da cama com a parte inferior do corpo; mas essa parte de baixo, que ele, aliás, ainda não tinha visto e da qual não podia fazer uma idéia exata, provou ser difícil demais de mover; ela ia tão devagar; e quando afinal, quase frenético, reunindo todas as suas forças e sem respeitar nada, se atirou para frente, bateu com violência nos pés da cama, pois tinha escolhido a direção errada; a dor ardida que sentiu ensinou-lhe que justamente a parte inferior do seu corpo era no momento, talvez, a mais sensível de todas.

Tentou por isso tirar em primeiro lugar a parte superior do corpo, voltando com cautela à cabeça para a beira do leito. Conseguiu-o com facilidade: a despeito da sua largura e do seu peso, a massa do corpo acompanhou devagar, finalmente, a virada da cabeça. Mas quando por fim ele a susteve fora da cama, em pleno ar, ficou com medo de avançar mais dessa maneira, pois se enfim se deixasse cair, seria preciso acontecer um milagre para que a cabeça não se ferisse. E precisamente agora não podia, por preço algum perder a consciência; preferia permanecer na cama.

Entretanto, quando mais uma vez, depois de esforço igual, ficou deitado na mesma posição, suspirando, e viu de novo suas perninhas lutarem umas contra as outras possivelmente mais que antes, e não encontrou nenhuma possibilidade de imprimir calma e ordem àquele descontrole, disse novamente a si mesmo que era impossível continuar na cama e que o mais razoável seria sacrificar tudo, caso existisse a mínima esperança de com isso se livrar dela. Ao mesmo tempo, porém, não esqueceu de se lembrar, nos intervalos, de que decisões calmas, inclusive as mais calmas, são melhores que as desesperadas. Nesses instantes dirigia o olhar com a maior agudez possível à janela, mas infelizmente só era possível receber pouca confiança e estímulo da visão da névoa matutina que encobria até o outro lado da rua estreita.

— Sete horas já — disse a si mesmo quando o despertador bate outra vez, — sete horas já e ainda essa neblina.

E por um momento permaneceu tranqüilamente deitado, com a respiração fraca, como se esperasse talvez do silencio pleno o retorno das coisas ao seu estado real e natural.

Mas depois disse consigo mesmo:

— Antes de soar sete e um quarto preciso de qualquer modo ter deixado completamente a cama. Mesmo porque até então virá alguém da firma perguntar por mim, pois ela abre antes de sete horas.

E pôs-se a balançar o corpo em toda a sua extensão, num ritmo perfeitamente uniforme, para tira-lo da cama. Deixando-se cair desse modo, a cabeça — que ele queria conservar bem erguida durante a queda — presumivelmente ficaria ilesa. As costas pareciam ser duras; decerto não aconteceria nada a elas caindo no tapete. A maior dúvida vinha da preocupação com o estrondo que iria provocar e que provavelmente causaria, se não susto, pelo menos apreensão atrás de todas as portas. Mas isso era preciso arriscar.

Quando Gregor já estava pela metade fora da cama — o novo método era mais um jogo que um esforço, ele só tinha de se balançar empurrando o corpo — ocorreu-lhe como seria simples se alguém viesse ajuda-lo. Duas pessoas fortes — pensou no pai e na empregada — bastariam plenamente; precisariam apenas enfiar os braços debaixo de suas costas abauladas, destacando-o assim da cama, inclinar-se com o fardo e depois simplesmente permitir que ele efetuasse com cuidado a virada do corpo sobre o assoalho, onde então as perninhas, como era de se esperar, adquiriam um sentido. Bem, desconsiderando inteiramente que as portas estavam fechadas, deveria mesmo chamar por socorro? Apesar de toda a sua aflição, não pôde reprimir um sorriso a esse pensamento.

Já tinha alcançado um ponto em que, a um balanço mais forte, quase não poderia manter o equilíbrio, tendo então de se decidir de uma vez, pois em cinco minutos seriam sete e quinze — quando soou a campainha na porta do apartamento.

— É alguém da firma — disse a si mesmo e quase gelou, enquanto as perninhas dançavam mais rápidas por causa disso.

Durante um momento ficou tudo silencioso.

— Eles não vão abrir — disse Gregor consigo mesmo, preso a alguma esperança absurda.

Ma aí a empregada, natural como sempre, caminhou com passos firmes até a porta e abriu. Gregor só precisou ouvir a primeira palavra de saudação do visitante para saber quem era — o gerente em pessoa. Por que Gregor estava condenado a servir numa firma em que à mínima omissão se levantava logo a máxima suspeita? Será que todos os funcionários eram sem exceção vagabundos? Não havia, pois, entre eles nenhum homem leal e dedicado que, embora deixando de aproveitar algumas horas da manhã em prol da firma, tenha ficado louco de remorso e literalmente impossibilitado de abandonar a cama? Não bastava realmente mandar um aprendiz ir perguntar — se é que havia necessidade desse interrogatório? Tinha de vir o próprio gerente, era preciso mostrar com isso à família inteira — inocente — que a investigação desse caso suspeito só podia ser confiada à razão do gerente? E mais por causa da excitação a que foi levado por essas reflexões do que em conseqüência de uma decisão de verdade, Gregor se atirou com toda a força para fora da cama. Houve uma pancada alta, mas não propriamente um estrondo. A queda foi um pouco atenuada pelo tapete, mas as costas também eram mais elásticas do que Gregor havia pensado — daí o som surdo que não

chamava tanto a atenção. Ele só não tinha sustentado a cabeça com cuidado suficiente e por isso havia batido com ela; de raiva e dor, virou-a e esfregou-a no tapete.

— Caiu alguma coisa lá dentro — disse o gerente no aposento vizinho da esquerda.

Gregor tentou imaginar se não podia acontecer também ao gerente algo semelhante ao que havia sucedido hoje com ele; de fato era necessário admitir essa possibilidade. Mas como se fosse uma rude resposta a essa pergunta, o gerente deu alguns passos definidos no quarto contíguo, fazendo suas botas de verniz rangerem. Do cômodo vizinho da direita a irmã sussurrou para comunicar a Gregor:

— Gregor, o gerente está aí.

— Eu sei — disse Gregor a si mesmo, mas não ousou erguer a voz a um ponto que a irmã pudesse ouvi-lo.

— Gregor — falou então o pai, do aposento à esquerda, — o senhor gerente chegou e quer saber por que você não partiu no trem de hoje cedo. Não sabemos o que devemos dizer a ele. Aliás, ele também quer falar pessoalmente com você. Faça, portanto o favor de abrir a porta. Ele terá a bondade de desculpar a desarrumação do quarto.

— Bom dia, senhor Samsa — bradou em meio o gerente, num tom amigável.

— Ele não está bem — disse a mãe ao gerente quando o pai ainda falava junto à porta. — Ele não está bem, acredite em mim, senhor gerente. Senão como Gregor perderia um trem? Esse moço não tem outra coisa na cabeça a não ser a firma. Eu quase me irrito por ele nunca sair à noite; agora esteve oito dias na cidade, mas passou todas as noites em casa. Fica sentado à mesa conosco e lê em silencio o jornal ou estuda horários de viagem. É uma distração para ele ocupar-se de trabalhos de carpintaria. Por exemplo, durante duas ou três noites entalhou uma pequena moldura: o senhor vai ficar admirado de ver como ela é bonita; está pendurada lá dentro do quarto; o senhor vai enxerga-la assim que ele abrir. Aliás, eu estou feliz, senhor gerente, pelo fato de o senhor estar aqui; sozinhos não iríamos conseguir que Gregor abrisse a porta; ele é tão teimoso; e certamente não está bem, embora tenha negado isso de manhã.

— Já vou — disse Gregor lenta e cautelosamente, e não se moveu para não perder uma palavra da conversa.

— De outro modo, cara senhora — disse o gerente, — também não sei como explicar isso. Esperemos que não seja nada grave. Embora por outro lado eu tenha de dizer que nós, homens do comércio, feliz ou infelizmente — como se quiser — precisamos muitas vezes, por considerações de ordem comercial, simplesmente superar um ligeiro mal-estar.

— O senhor gerente pode, então, entrar no seu quarto? — perguntou o pai, impaciente, e bateu de novo na porta.

— Não — disse Gregor.

No cômodo vizinho da esquerda sobreveio um silencio penoso, no aposento contíguo da direita à irmã começou a soluçar.

Por que a irmã não ia juntar-se ao demais? Certamente ela tinha acabado de se levantar da cama e ainda não havia começado a se vestir. Por que então chorava? Porque ele não se levantava e não deixava o gerente entrar, porque corria o perigo de perder o emprego e porque depois iria perseguir de novo os pais com as antigas exigências? Por enquanto, porém, essas preocupações eram desnecessárias. Gregor ainda estava aqui e não cogitava minimamente em abandonar sua família. É claro que, no momento, estava lá ditado no tapete, mas ninguém que conhecesse seu estado teria exigido seriamente dele que deixasse o gerente entrar. Mas por causa dessa pequena descortesia, para a qual se encontraria mais tarde, afinal, uma desculpa adequada, Gregor não podia ser demitido na hora. E a ele parecia muito mais razoável que o deixassem em paz agora do que perturba-lo com choro e exortações. No entanto era justamente a incerteza que os afligia e desculpava o seu comportamento.

— Senhor Samsa — bradou então o gerente, elevando a voz, — o que está acontecendo? O senhor se entrincheira no seu quarto, responde somente sim ou não, causa preocupações sérias e desnecessárias aos seus pais e descura — para mencionar isso apenas de passagem — seus deveres funcionais de uma maneira realmente inaudita. Falo aqui em nome dos seus pais e do seu chefe e peço-lhe com toda a seriedade uma explicação imediata e clara. Estou perplexo, estou perplexo. Acreditava conhece-lo como um homem calmo e sensato e agora o senhor parece querer de repente começar a ostentar estranhos caprichos. O chefe em verdade me insinuou esta manhã uma possível explicação para as suas omissões — ela dizia respeito aos pagamentos à vista que recentemente lhe foram confiados, — mas eu quase empenhei minha palavra de honra no sentido de que essa explicação não

podia estar certa. Porém, vendo agora sua incompreensível obstinação, perco completamente à vontade de interceder o mínimo que seja pelo senhor. E o seu emprego não é de forma alguma o mais seguro. No começo eu tinha a intenção de lhe dizer tudo isso a sós, mas uma vez que o senhor me faz perder o meu tempo inutilmente aqui, não sei por que os senhores seus pais não devam ficar também sabendo. Nos últimos tempos seus rendimentos tem sido muito insatisfatório; de fato não é época de fazer negócios excepcionais, isso nos reconhecemos; mas época para não fazer negócio algum não existe, senhor Samsa, não pode existir.

— Mas, senhor gerente — exclamou Gregor fora de si, esquecendo tudo o mais na excitação, — eu abro já, num instante. Um ligeiro mal-estar, um acesso de tontura, impediram-me de me levantar. Ainda estou deitado na cama. Mas agora me sinto novamente bem-disposto. Já estou saindo da cama. Só um instantezinho de paciência! As coisas ainda não vão tão bem como eu pensava. Mas já estou bem. Como é que uma coisa assim pode acontecer um homem? Ainda ontem à noite estava tudo bem comigo, meus pais sabem disso, ou melhor: já ontem à noite eu tive um pequeno prenúncio. Eles deviam ter notado isso em mim. Por que não comuniquei à firma? Mas sempre se pensa que se vai superar a doença sem ficar em casa. Senhor gerente poupe meus pais! Não á motivo para as censuras que agora o senhor me faz; também não me disseram uma palavra a esse respeito. Talvez o senhor não tenha lido os últimos pedidos que eu remeti.Aliás, ainda vou viajar com o trem das oito, as horas de repouso me fortaleceram. Não se detenha mais, senhor gerente; logo mais estarei pessoalmente na firma: tenha a bondade de dizer isso e de apresentar minhas recomendações ao senhor chefe.

E enquanto Gregor expelia tudo às pressas, mal sabendo o que falava, aproximou-se do armário com facilidade — certamente em conseqüência da prática já adquirida na cama — tentando erguer-se apoiado nele. Queria efetivamente abrir a porta, deixar-se ver e conversar com o gerente; estava curioso para saber o que diriam, ao vê-lo, os outros que agora exigiam tanto a sua presença. Se eles se assustassem, então Gregor não tinha mais nenhuma responsabilidade e podia sossegar. Mas se aceitassem tudo tranqüilamente, então ele não tinha motivo para afligir-se e podia, caso se apressasse, estar de fato na estação ferroviária às oito horas. A principio escorregou algumas vezes do armário liso, mas finalmente, com um último impulso, pôs-se em pé; já não prestava

nenhuma atenção às dores na parte inferior do corpo, por mais intensas que fossem. Deixou-se então cair sobre as costas de uma cadeira próxima, em cujas bordas se segurou com as perninhas. Mas com isso adquiriu também o domínio sobre si mesmo e silenciou, pois agora podia escutar o gerente.

— Entenderam uma única palavra? — perguntou o gerente aos pais. — Será que ele nos está fazendo de bobos?

— Pelo amor de Deus! — exclamou a mãe já em lágrimas. — Talvez ele esteja seriamente doente e nós o atormentamos. Grete! Grete! — gritou então.

— Mamãe? — bradou a irmã do outro lado.

Elas se comunicavam através do quarto de Gregor.

— Você precisa ir imediatamente ao médico. Gregor está doente. Vá correndo ao médico. Você ouviu Gregor falar, agora?

— Era uma voz de animal — disse o gerente, em voz sensivelmente mais baixa, comparada com os gritos da mãe.

— Ana, Ana! — chamou o pai, batendo as mãos, através da ante-sala para a cozinha. — Vá buscar já um serralheiro!

E logo as duas moças atravessaram a ante-sala correndo, com um ruído de saias — como é que a irmã tinha se vestido tão depressa?, —e escancararam a porta. Não se ouviu a porta bater de volta; sem dúvida deixaram-na aberta, como costuma acontecer nas casas em que aconteceu uma grande desgraça.

Gregor, porém estava muito mais calmo. Certamente não entendiam mais suas palavras, embora para ele elas pareceram claras, mais claras que antes, talvez porque o ouvido havia se acostumado. De qualquer forma agora já se acreditava que as coisas com ele não estavam em perfeita ordem, e a disposição era de ajuda-lo. A confiança e a certeza com que foram tomadas as primeiras decisões fizeram-lhe bem. Sentiu-se novamente incluído no círculo dos homens e passou a esperar do médico e do serralheiro — sem propriamente separa-los — desempenhos excepcionais e surpreendentes. A fim de ficar com a voz o mais clara possível para as conversações decisivas que se aproximavam, tossiu um pouco, esforçando-se, entretanto para fazer isso de um modo bem abafado, uma vez que até esse ruído possivelmente soava diferente de uma tosse humana, coisa que ele mesmo já não ousava decidir. Nesse meio tempo fez-se completo silêncio no aposento ao lado. Talvez os pais estivessem sentados à mesa com o gerente e cochichassem, talvez estivessem todos curvados sobre a porta, escutando.

Gregor deslocou-se devagar até a porta empurrando a cadeira, largou-a lá, lançou-se de encontro à porta, conservando-se em pé apoiado nela — as extremidades das suas perninhas tinham um pouco de substância adesiva — e ali descansou por um instante do esforço. Mas depois começou a girar, com a boca, a chave na fechadura. Infelizmente, ao que parecia ele não tinha dentes de verdade — com o que devia logo agarrar a chave? — mas em compensação as mandíbulas eram sem dúvida muito fortes; com a ajuda delas pôde de fato pôr a chave em movimento e não dar atenção ao fato de que estava seguramente causando alguma lesão em si mesmo, pois um líquido marrom saiu da sua boca, escorreu sobre a chave e pingou no chão.

— Ouçam — disse o gerente no cômodo vizinho, — ele está girando a chave.

Para Gregor isso foi um grande estímulo; mas todos deveriam encoraja-lo, inclusive o pai e a mãe.

— Aí, Gregor! — deveriam clamar. — Sempre em frente, firme na fechadura!

E imaginando que todos acompanhavam ansiosos os seus esforços, mordeu a chave como um louco, com todas as forças que ainda podia reunir. À medida que a chave ia girando, ele dançava em torno da fechadura; agora mantinha-se em pé só com o auxílio da boca e, conforme a necessidade, ficava pendurado na chave ou a empurrava outra vez para baixo com todo o peso do seu corpo. O som mais claro da fechadura que enfim retrocedia literalmente despertou Gregor. Respirando aliviado ele disse a si mesmo.

— Não precisei, portanto do serralheiro — e colocou a cabeça sobre a maçaneta para abrir inteiramente a porta.

Uma vez que precisava abri-la puxando contra si uma das folhas, ela já estava, com efeito, bem aberta e ele ainda não podia ser visto. Precisou primeiro girar lentamente o corpo, acompanhando o movimento da folha, na verdade com muito cuidado para não cair redondamente de costas bem diante da entrada para o quarto. Estava ainda ocupado com essa manobra difícil, sem ter tido tempo para atentar em outra coisa, quando ouviu o gerente soltar um “oh” alto — soava como o vento que zune — e então Gregor o viu também: era o mais próximo da porta e comprimia a mão sobre a boca, enquanto recuava devagar, como se o impelisse uma força invisível que continuasse agindo de modo constante. A mãe — apesar da presença do gerente, ela estava ali com os cabelos ainda desfeitos pela noite, espetados para o alto — a

principio fitou o pai com as mãos entrelaçadas, depois deu dois passos em direção a Gregor e caiu no meio das saias que se espalhavam ao seu redor, o rosto totalmente afundado no peito. O pai cerrou o punho com expressão hostil, como se quisesse fazer Gregor recuar para dentro do quarto, depois olhou em volta de si, inseguro, na sala de estar, em seguida cobriu os olhos com as mãos e chorou a ponto de sacudir o peito poderoso.

Gregor não entrou então na sala de estar, mas, de dentro, apoiou-se na folha da porta que estava bem travada, de tal modo que só se podia ver a metade do seu corpo e acima dela a cabeça inclinada de lado, com a qual ele espreitava os outros. Nesse meio tempo havia clareado bastante; do outro lado da rua aparecia, nítido, um recorte do interminável edifício cinza-negro da frente — era um hospital — com as janelas regulares que rompiam duramente a fachada; a chuva ainda caía, mas só em gotas grandes, visíveis uma a uma e que também desciam a terra literalmente isoladas. A louça do café da manhã jazia abundante sobre a mesa, pois para o pai a refeição mais importante do dia era o desjejum, que ele prolongava horas com a leitura de diversos jornais. Na parede logo em frente pendia uma fotografia de Gregor, do seu tempo de serviço militar, que o mostrava como tenente, a mão na espada, o sorriso despreocupado, exigindo respeito pela postura e pelo uniforme. A porta para a ante-sala estava aberta, e uma vez que a entrada do apartamento continuava escancarada, via-se o vestíbulo da casa e o começo da escada que descia.

— Bem — disse Gregor, consciente de que era o único que havia conservado a calma, — vou logo me vestir, pôr o mostruário na mala e partir de viagem. Vocês querem mesmo me fazer partir? Bem, senhor gerente, o senhor está vendo que não sou teimoso e que gosto de trabalhar, viajar é fatigante, mas não poderia viver sem viajar. Para onde o senhor vai, senhor gerente? Para a firma? Sim? O senhor vai relatar fielmente? Pode-se no momento estar incapacitado para trabalhar, mas essa é a hora certa para se lembrar das realizações passadas e para se pensar que mais tarde, uma vez superados os obstáculos, sem dúvida se vai trabalhar com mais afinco e forças mais concentradas. Devo muita obrigação ao senhor chefe, isso o senhor sabe muito bem. Tenho por outro lado de cuidar dos meus pais e da minha irmã. Estou num aperto, mas sairei dele trabalhando. Não me torne, porém as coisas mais difíceis do que já são. Tome o meu partido na firma! Que o caixeiro viajante não é querido eu sei. Todos pensam que ele ganha rios de dinheiro

e, além disso, leva uma boa vida. Não se tem de fato nenhuma oportunidade especial para se analisar melhor esse preconceito. Mas o senhor, gerente, o senhor tem sobre as coisas, cá entre nós, uma visão de conjunto melhor do que o resto do pessoal, melhor até do que o próprio senhor chefe, que na qualidade de empresário se deixa enganar facilmente no seu julgamento em prejuízo do funcionário. O senhor sabe muito bem que o caixeiro viajante, que fica quase o ano inteiro fora da firma, pode assim se tornar facilmente vítima de mexericos, casualidades e queixas infundadas, contra as quais é completamente impossível se defender, uma vez que na maioria das vezes ele não fica sabendo delas e só o faz quando, exausto, termina uma viagem e já em casa sente na própria carne as conseqüências nefastas cujas origens não podem mais ser descobertas. Senhor gerente, não vá embora sem me dizer uma palavra capaz de mostrar que o senhor me dá pelo menos uma pequena parcela de razão!

Mas o gerente, já às primeiras palavras de Gregor, tinha virado as costas e só lhe dirigia o olhar por cima dos ombros trêmulos, com os lábios revirados. E durante a fala de Gregor não ficou parado um instante, recuando sem perder Gregor de vista, muito gradualmente, em direção à porta, como se houvesse uma proibição secreta de deixar a sala. Já estava na ante-sala e, pelo movimento súbito com que pela última vez tirou o pé do chão da sala de estar, seria possível acreditar que acabava de queimar a sola do pé. Na ante-sala, entretanto, esticou longe a mão direita, no sentido da escada, como se lá o aguardasse uma salvação decididamente extraterrena.

Gregor compreendeu que o gerente não podia de modo algum ir embora nesse estado de espírito; caso contrário seu emprego na firma ficaria extremamente ameaçado. Os pais não entendiam nada disso muito bem; no curso de longos anos formaram a convicção de que Gregor estava garantido pelo resto da vida nessa firma e, além disso, tinham tanta coisa para fazer agora, com as preocupações do momento, que qualquer previsão lhes escapava. Mas Gregor tinha essa previsão. O gerente precisava ser retido, tranqüilizado, persuadido e finalmente conquistado; dependia disso o futuro de Gregor e de sua família! Se ao menos a irmã estivesse aqui! Ela era esperta; já tinha chorado quando Gregor ainda estava deitado calmamente de costas. E sem dúvida o gerente, esse amigo das mulheres, teria se deixado levar por ela; ela teria fechado a porta do apartamento e desfeito o seu susto na ante-sala através de palavras.

Mas infelizmente a irmã não estava aqui, era o próprio Gregor quem precisava agir. E sem pensar que ainda não conhecia suas atuais faculdades para se mover, sem cogitar também que seu discurso possivelmente — na verdade, provavelmente — não tinha sido entendido mais uma vez, ele largou a folha da porta e se enfiou pela abertura; queria caminhar até o gerente, que já segurava ridiculamente com as duas mãos o corrimão do vestíbulo; mas logo caiu — buscando apoio e com um pequeno grito — sobre suas inúmeras perninhas. Mal isso tinha acontecido, sentiu pela primeira vez nessa manhã um bem-estar fisico; como, para sua alegria, ele notou, elas obedeciam perfeitamente; esforçavam-se até para transporta-lo aonde ele queria; e Gregor já acreditava ter diante de si a melhora definitiva de todo o sofrimento. Mas no instante mesmo em que estava no chão, balançando por causa do movimento reprimido, não muito distante da mãe, na verdade bem à sua frente, ela — que parecia completamente mergulhada em si mesma — saltou de um só golpe para o alto, com os braços bem estendidos e o dedo apontando, bradando:

— Socorro! Pelo amor de Deus, socorro!

Conservava a cabeça inclinada, como se quisesse ver gregor melhor, mas em contradição com isso retrocedia de maneira impensada; tinha esquecido que atrás dela estava a mesa ainda posta e quando a alcançou sentou-se, como que por distração, rapidamente em cima; e parecia não notar absolutamente que ao seu lado o café escorria em abundancia da grande jarra virada sobre o tapete.

— Mamãe! Mamãe! — disse Gregor baixinho e olhou para ela de baixo para cima.

Por um instante o gerente sumiu do seu pensamento; por outro lado não pôde se impedir, à vista do café que escorria, de bater no vazio várias vezes com as mandíbulas. Diante a mãe recomeçou a gritar, escapou da mesa e caiu nos braços do pai que corria ao seu encontro. Mas agora Gregor não tinha tempo para seus pais; o gerente já estava na escada; com o queixo em cima do corrimão ele ainda olhou para trás uma última vez. Gregor tomou impulso para alcança-lo com a maior certeza possível; o gerente deve ter pressentido alguma coisa, pois deu um salto sobre vários degraus e desapareceu; ainda gritou “ui!” e o grito ressoou por toda a escadaria. Infelizmente a fuga do gerente pareceu perturbar por completo o pai, que até então estado relativamente sereno; pois ao invés de correr, ele próprio, atrás do gerente, ou pelo menos não

impedir Gregor de persegui-lo, agarrou com a mão direita a bengala do gerente, que este havia deixado com o chapéu e o, sobretudo em cima de uma cadeira, pegou com a esquerda um grande jornal da mesa e, batendo os pés, brandindo a bengala e o jornal, pôs-se a tocar Gregor de volta ao seu quarto. Nenhum pedido de Gregor adiantou, nenhum pedido também foi entendido; por mais humilde que inclinasse a cabeça, com tanto mais força o pai batia os pés. Do outro lado a mãe, apesar do tempo frio, tinha aberto uma vidraça e, curvada para fora, bem distante da janela, comprimia o rosto nas mãos. Entre a rua e a escadaria formou-se uma forte corrente de ar, as cortinas inflaram, os jornais sobre a mesa começaram a rumorejar, algumas folhas voavam para o chão. Implacável, o pai pressionava, emitindo silvos como um selvagem. Mas Gregor ainda não tinha prática de andar para trás, as coisas iam realmente muito devagar. Se pudesse apenas girar o corpo, logo estaria no seu quarto, mas temia tornar o pai impaciente com essa operação que demandava tempo — e a todo instante a bengala na mão dele o ameaçava com um golpe mortal nas costas ou na cabeça. Mas no fim não restou a Gregor outra coisa senão isso, pois ele notou com horror que, andando para trás, não sabia nem mesmo manter a direção; e assim, lançando olhares incessantes e angustiados para o lado do pai, começou a dar a volta, tão rápido quanto possível, na realidade, porém muito lentamente. Talvez o pai tenha percebido sua boa vontade, pois nesse lance não o perturbou, mas até dirigiu, aqui e ali, à distância, o movimento giratório com a ponta da bengala. Se apenas não houvesse esse sibilo insuportável do pai! Gregor perdia completamente a cabeça por causa disso. Já tinha feito a volta quase por completo quando, sempre ouvindo o silvo, se enganou e retrocedeu outra vez um pouco para a posição original. Mas quando enfim estava com a cabeça diante da abertura da porta, feliz, verificou que seu corpo era demasiado largo para passar sem mais por ela. Ao pai, naturalmente, na sua condição atual, não ocorreu nem mesmo remotamente abrir a outra folha da porta, para oferecer a Gregor passagem suficiente. Sua idéia fixa era simplesmente que Gregor voltasse o mais rápido possível para o quarto. Jamais teria permitido os preparativos minuciosos de que Gregor necessitava para levantar-se e, talvez desse modo, passar pela porta. Ao invés disso, impelia agora Gregor com um ruído excepcional, como se não existisse nenhum obstáculo; a voz atrás dele já não soava como a de um pai apenas; realmente já não era uma brincadeira e Gregor forçou — acontecesse o que quisesse — a

entrada pela porta. Um lado do seu corpo se ergueu, permaneceu torto na abertura da porta, um dos seus flancos se esfolou inteiro, na porta branca ficaram manchas feias, ele logo se entalou e não poderia mais mover-se sozinho — as perninhas de um lado pendiam trêmulas no ar, as do outro comprimiam-se doloridas no chão — quando o pai desferiu, por trás, um golpe agora de fato possante e liberador e ele voou, sangrando violentamente, bem para dentro do seu quarto. A porta foi fechada ainda com a bengala, depois houve por fim silêncio.

Capítulo II

Só no crepúsculo Gregor despertou do seu sono pesado, semelhante a um desmaio. Mesmo sem ser perturbado, certamente não teria acordado muito mais tarde, pois sentia que havia descansado e dormido o suficiente; pareceu-lhe, contudo que um passo fugidio e o fechar cauteloso da porta que dava para a ante-sala o tinham despertado. O brilho das lâmpadas elétricas da rua se refletia lívido, aqui e ali, sobre o teto e as partes mais altas dos móveis, mas embaixo, junto a Gregor, estava escuro. Tateando desajeitadamente com as antenas que só agora aprendia a valorizar, se deslocou até à porta para ver o que havia acontecido lá. Seu lado esquerdo parecia uma única e longa cicatriz, desagradavelmente esticada, e ele precisava literalmente mancar sobre duas fileiras de pernas. Uma perninha, aliás, tinha sido gravemente ferida no curso dos acontecimentos da manhã — era quase um milagre o fato de que só uma fora lesada — e se arrastava sem vida atrás das outras.

Só quando chegou à porta percebeu o que de fato o havia atraído até lá; era o cheiro de algo comestível. Pois ali havia uma tigela de leite doce, no qual nadavam pedacinhos de pão branco. Teria quase rido de alegria, pois estava com uma fome maior que a da manhã, e imediatamente mergulhou a cabeça até a altura dos olhos dentro do leite. Mas retirou-a logo, decepcionado; não só comer lhe oferecia dificuldades, por causa do lado esquerdo em condição delicada — e ele só podia comer se o corpo todo, resfolegando, colaborasse, — como também não gostou nada do leite, antes sua bebida preferida, e que sem dúvida por isso a irmã havia colocado ali para ele; na realidade afastou-se quase com repulsa que da tigela e rastejou de volta para o meio do quarto.

Na sala de estar, como Gregor podia ver pela fresta da porta, o gás estava aceso, mas ao passo que nessa hora do dia o pai em geral costumava ler, em voz alta, o jornal que saía à tarde, para a mãe e às vezes também para a irmã, agora não se ouvia som algum. Bem, talvez essa leitura, sobre a qual a irmã sempre falava e escrevia, tivesse caído em desuso nos últimos tempos. Mas também em volta reinava o silêncio, embora a casa certamente não estivesse vazia.

— Que vida tranqüila a família levava! — disse Gregor a si mesmo e sentiu, enquanto fitava o escuro diante dele, um grande orgulho por ter podido proporcionar aos seus pais e à irmã uma vida assim, num apartamento tão bonito. Mas como seria agora, se todo o sossego, todos o bem-estar, toda a satisfação chegasse assustadoramente ao fim? Para não se perder nesses pensamentos, Gregor preferiu pôr-se em movimento, rastejando de cá para lá no quarto.

Uma vez durante a longa noite foi aberta uma porta lateral, depois a outra, até uma pequena fresta, mas foram rapidamente fechadas de novo. Decerto alguém sentira necessidade de entrar, mas logo tivera também muitas dúvidas. Gregor postou-se então bem junto à porta que dava para a sala de estar, disposto a fazer de alguma forma visitante indeciso entrar, ou pelo menos ficar sabendo quem era; mas aí a porta não foi mais aberta e ele esperou em vão. Antes, quando as portas estavam fechadas, todos queriam entrar para vê-lo, agora que ele havia aberto uma porta e as outras evidentemente tinham sido abertas durante o dia, ninguém mais vinha e as chaves estavam na fechadura também do lado de fora.

Só tarde da noite se apagou a luz da sala de estar e então foi fácil verificar que os pais e a irmã tinham ficado acordados todo esse tempo, pois — como se podia ouvir nitidamente — os três agora se afastavam na ponta dos pés. Sem dúvida ninguém mais entraria para ver o Gregor até à manhã do dia seguinte; tinha, portanto um tempo longo para refletir sem ser perturbado sobre a maneira como deveria agora reorganizar a sua vida. Mas o quarto alto e vazio, no qual era forçado a permanecer de bruços no chão, o angustiava, sem que pudesse descobrir a causa, pois afinal era o quarto habitado há cinco anos por ele — e com uma virada semi-inconsciente e não sem uma ligeira vergonha, precipitou-se para debaixo do canapé onde, embora as costas ficassem um pouco prensadas e não pudesse mais erguer a cabeça, ele logo se sentiu aconchegado, lamentando apenas que seu corpo fosse largo demais para se abrigar inteiramente sob o canapé.

Ali passou a noite inteira, em parte num semi-sono do qual a fome continuamente o acordava com um sobressalto, em parte às voltas com preocupações e esperanças imprecisas que levavam à

conclusão de que no momento precisava manter-se calmo e tornar suportáveis, pela paciência e pela máxima consideração com a família, as inconveniências que estava simplesmente compelido a lhe causar no seu estado atual.

Já de madrugada — ainda era quase noite — Gregor teve oportunidade de testar a força das decisões que acabava de tomar, pois a irmã, já quase completamente vestida, abriu a porta do seu quarto que dava para a ante-sala, e olhou ansiosa para dentro do quarto. Não o descobriu logo, mas, ao percebê-lo embaixo do sofá — santo Deus, em algum lugar de havia de estar, não podia ter voado embora! — ela se assustou tanto que, incapaz de se dominar, fechou a porta outra vez por fora. Mas, como se se arrependesse do seu comportamento, abriu-a de novo e entrou na ponta dos pés, como se fosse o quarto de um doente grave ou mesmo de um estranho. Gregor tinha esticado a cabeça até a beira do sofá e a observava. Será que ela notaria que ele nem tinha tocado no leite — e não, de forma alguma, por falta de fome? E será que traria outra comida mais adequada para ele? Se o não o fizesse espontaneamente, ele preferiria morrer de fome a chamar sua atenção para isso, embora na verdade sentisse uma pressão medonha para disparar de debaixo do sofá, atirar-se aos pés da irmã e pedir-lhe alguma coisa de comer. Mas a irmã percebeu de pronto, com espanto, que a tigela estava ainda cheia, em volta da qual estava esparramado um pouco de leite, ergueu logo a tigela do chão — na realidade, não com as mãos nuas, mas com um trapo — e levou-a para fora. Gregor estava extremamente curioso para saber o que ela traria em substituição ao leite, fazendo as mais variadas conjecturas a esse respeito. Mas jamais teria podido adivinhar o que, na sua bondade, a irmã de fato fez. Ela trouxe, para testar o seu gosto, todo um sortimento, espalhado sobre um jornal velho. Havia ali legumes já passados, meio apodrecidos, ossos do jantar da noite anterior, rodeados por um molho branco já endurecido; algumas passas e amêndoas; um queijo que, dois dias antes, Gregor tinha declarado intragável; um pão seco, um pão com manteiga sem sal e outro com manteiga salgada. Além de tudo ela ainda acrescentou a tigela — provavelmente destinada de uma vez por todas a Gregor — na qual havia despejado água. E por delicadeza,

pois sabia que ele não comeria na sua frente, afastou-se o mais rápido possível e até girou a chave na fechadura, para que ele fosse capaz de perceber que poderia ficar tão à vontade quanto quisesse. As perninhas de Gregor zuniam quando ele foi comer. De resto os seus ferimentos deviam estar completamente curadas: não sentia mais nenhum impedimento, admirou-se com isso e ficou pensando como, mais de um mês antes, tinha cortado um pouco o dedo com uma faca e como, ainda anteontem, esse ferimento causava bastante dor.

— Será que agora eu tenho menos sensibilidade? — pensou e chupou vorazmente o queijo, que o atraíra de maneira imediata e enérgica acima de todos os outros alimentos.

Rapidamente, um atrás do outro, com lágrimas de satisfação nos olhos, ele devorou o queijo, os legumes e o molho; a comida fresca, ao contrário, não o agradava, nem mesmo o seu cheiro ele conseguia suportar, chegou até a arrastar um pouco para longe as coisas que queria comer. Tinha terminado tudo fazia tempo, e já estava deitado preguiçosamente no mesmo lugar, quando a irmã, para mostrar que ia voltar, virou lentamente a chave. Isso o sobressaltou de imediato, embora já quase cochilando, e ele correu novamente para debaixo do sofá. Mas custou-lhe grande esforço de autodomínio para permanecer sob o canapé, mesmo pelo breve tempo em que a irmã esteve no quarto, pois com a refeição copiosa seu corpo tinha se arredondado um pouco e ali no aperto ele mal conseguia respirar. Em meio a pequenos acessos de asfixia, ficou observando, com os olhos um tanto fora das órbitas, a irmã, que não suspeitava de nada, juntar com uma vassoura não só os restos, mas também os alimentos que não tinham sido tocados por Gregor — como se estes também não pudessem mais ser aproveitados, — despejar tudo às pressas num balde, que ela fechou com uma tampa de madeira e depois carregou para fora. Mal a irmã tinha virado as costas, Gregor saiu de debaixo do sofá, distendeu o corpo e se encheu de ar.

Agora era dessa maneira que recebia diariamente sua alimentação, uma vez pela manhã, quando os pais e a empregada ainda dormiam, e a segunda depois do almoço, pois os pais dormiam igualmente um pouquinho e a empregada era despachada

pela irmã com alguma incumbência. Certamente os pais também não queriam que Gregor morresse de fome, mas talvez não suportassem tomar conhecimento da sua alimentação mais do que por ouvir dizer; talvez fosse possível também que a irmã quisesse poupa-los de uma pequena tristeza, uma vez que de fato eles já sofriam bastante.

Com que desculpas o médico e o serralheiro foram mandados embora da casa, naquela manhã, Gregor não pôde ficar sabendo: visto que não era entendido, ninguém, nem mesmo a irmã, pensava que ele podia entender os outros; e assim, quando a irmã estava no seu quarto, ele tinha de se contentar em ouvir, aqui e ali, seus suspiros e invocações aos santos. Só mais tarde, quando ela havia se habituado um pouco a tudo — naturalmente não se podia nunca falar em hábito completo, — Gregor às vezes apreendia uma observação amigável ou que podia ser interpretada como tal:

— Hoje, sim, ele gostou do jantar — ela dizia, quando Gregor tinha limpado para valer toda a comida; ao passo que, no caso contrário —que aos poucos se repetia numa freqüência cada vez maior, — costumava dizer quase com tristeza:

— Deixou tudo outra vez.

Mas ao passo que não podia tomar conhecimento imediato de qualquer novidade, Gregor escutava muita coisa vinda dos quartos vizinhos, e onde quer que ouvisse vozes corria logo à respectiva porta e se espremia nela com o corpo todo. Especialmente nos primeiros tempos não havia conversa que de algum modo não tratasse dele, mesmo em segredo. Durante dois dias, em todas as refeições, podiam se ouvir confabulações sobre como agora deviam se comportar; mas também entre refeições se falava do mesmo tema, pois em casa estavam sempre pelo menos dois membros da família, já que ninguém queria ficar sozinho em casa e não se podia de maneira alguma abandonar totalmente o apartamento. Logo no primeiro dia a empregada — não estava muito claro o que e o quanto sabia do sucedido — pediu de joelhos à mãe que a dispensasse imediatamente do emprego, e quando, um quarto de hora mais tarde, se despediu, agradeceu em lágrimas pela dispensa, bem como pelo grande favor que ali lhe faziam, prestando — sem

que se exigisse isso dela — o solene juramento de não revelar a ninguém o mínimo que fosse.

A irmã então teve também de cozinhar junto com a mãe; no entanto isso não exigia muito esforço, pois não se comia quase nada. Constantemente Gregor ouvia como um exortava o outro inutilmente a comer, sem receber outra resposta senão "obrigado, estou satisfeito" ou coisa semelhante. Talvez também não se bebesse nada. Muitas vezes a irmã perguntava ao pai se ele queria cerveja, oferecendo-se cordialmente a ir busca-la ela mesma e, quando o pai silenciava, dizia, para desfazer qualquer escrúpulo da parte dele, que podia também mandar a zeladora do prédio buscar; mas então o pai dizia finalmente em grande "não" e não se falava mais nisso.

Já no decorrer do primeiro dia o pai expôs toda a situação financeira e as perspectivas da família a mãe e a irmã. De quando em quando ele se levantava da mesa e pegava, no pequeno cofre-forte que tinha resgatado da falência do seu negócio, ocorrida cinco anos antes, algum documento ou livro de notas. Ouvia-se como ele destravava a complicada fechadura e a fechava outra vez, depois de apanhar o que procurava. Essas explicações do pai foram em parte a primeira coisa agradável que Gregor escutou desde a sua reclusão. Ele achava que daquele negócio não havia sobrado absolutamente nada para o pai — pelo menos o pai não lhe dissera nada em sentido contrário e, seja como for, Gregor também não o havia interrogado a esse respeito. A preocupação de Gregor na época tinha sido apenas fazer tudo para a família esquecer o mais rápido possível a desgraça comercial, que havia levado todos a um estado de completa desesperança. E assim começara a trabalhar com um fogo muito especial e, quase da noite para o dia, passara de simples empregado de escritório a caixeiro-viajante, que naturalmente tinha possibilidades bem diversas de ganhar dinheiro e cujos êxitos no trabalho se transformaram imediatamente, na forma de provisões, em dinheiro sonante que podia ser posto na mesa diante da família espantada e feliz. Tinham sido bons tempos e nunca se repetiram, pelo menos não com esse brilho embora mais tarde Gregor ganhasse tanto dinheiro que era capaz de assumir — e de fato assumiu — as despesas de toda a família. Tanto a família

como Gregor acostumaram-se a isso: aceitava-se com gratidão o dinheiro, ele o entregava com prazer, mas disso não resultou mais nenhum calor especial. Só a irmã ainda havia permanecido próximo a Gregor e o plano secreto dele era mandá-la no próximo ano ao Conservatório, sem pensar nos altos custos que isso representava, os quais seriam ressarcidos de outro modo; pois ela, diferentemente de Gregor, gostava muito de música e sabia tocar violino de forma comovente. Várias vezes durante as curtas estadas de Gregor na cidade mencionou-se o Conservatório nas conversas com a irmã, mas sempre apenas como um belo sonho, em cuja realização não se podia pensar, e os pais não gostavam de escutar nem mesmo essas menções inocentes; Gregor, porém pensava nisso de maneira muito definida e tinha a intenção de anunciar solenemente na noite de Natal.

Esses pensamentos, completamente inúteis no seu estado atual, passaram-lhe pela cabeça quando ele, de pé, estava colado à porta escutando. Às vezes, em virtude do cansaço geral, não conseguia de modo algum continuar ouvindo — e por descuido deixou a cabeça bater na porta; segurou-a, porém imediatamente outra vez, pois mesmo o pequeno ruído que assim havia provocado tinha sido escutado do outro lado, e feito com que todos silenciassem.

— O que é que ele está outra vez fazendo? — disse o pai depois de um intervalo, evidentemente voltado para a porta; e só aí a conversa interrompida foi aos poucos retomada.

Gregor tomou então pelo conhecimento — pois o pai costumava se repetir muitas vezes nas suas explicações, em parte porque ele mesmo não se ocupava havia muito tempo das coisas, em parte também a mãe não entendia tudo na primeira vez — de que, apesar de toda a desgraça, ainda restava dos velhos tempos um pecúlio, de qualquer modo bem pequeno, que os juros não tocados nesse tinham feito crescer alguma coisa. Mas, além disso, o dinheiro que Gregor trouxera todos os meses para casa — ele só reservava alguns florins para si mesmo — não tinha sido gasto e formara um pequeno capital. Atrás da sua porta, Gregor meneou vivamente a cabeça, satisfeito com a inesperada previdência e senso de economia. Na verdade poderia ter pago, com essa sobra de

dinheiro, mais uma parte da dívida do pai ao chefe, e com isso estaria muito mais próximo o dia em que poderia se livrar do emprego; mas agora era indubitavelmente melhor assim do modo como o pai havia arranjado as coisas.

Entretanto esse dinheiro não bastava de maneira alguma para permitir que a família vivesse de renda; talvez fosse suficiente para sustenta-la um no máximo dois anos, não mais que isso. Era, portanto meramente uma soma que não se poderia tocar e que precisava ser reservada para uma emergência; mas o dinheiro para viver tinha de ser ganho. Ora, o pai era na verdade um homem saudável, porém velho, que não trabalhava fazia cinco anos e que, seja como for, não podia se exceder; nesses cinco anos, que foram as primeiras férias da sua vida estafante e, no entanto malograda, ele havia engordado muito e com isso se tornado bastante moroso. E a velha mãe, que sofria de asma, a quem uma caminhada pelo apartamento já era um esforço, e que, dia sim dia não, passava o dia no sofá, junto à janela aberta, com dificuldades de respiração — deveria ela agora, por acaso, ganhar dinheiro? E deveria ganhar dinheiro à irmã, que dezessete anos era ainda uma criança e cujo estilo de vida até agora dava gosto de ver, consistindo em vestir roupas bonitas, dormir bastante, ajudar a cuidar da casa, participar de algumas diversões modestas e, acima de tudo tocar violino?

Quando a conversa chegava a essa necessidade de ganhar dinheiro, Gregor se soltava da porta e se atirava sobre o frio sofá de couro que se encontrava ao lado, pois ficava ardendo de vergonha e tristeza.

Freqüentemente passava noites inteiras deitado ali, sem dormir um instante, apenas arranhando o couro durante horas. Ou então não fugia ao grande esforço de empurrar uma cadeira até a janela, para depois rastejar rumo ao peitoril e, escorado na cadeira, inclinar-se sobre a janela — evidentemente em nome de alguma lembrança do sentimento de liberdade que outrora lhe dava olhar pela janela. Pois efetivamente ele enxergava dia a dia com menos acuidade as coisas mesmo pouco distantes; o hospital defronte, cuja visão freqüente demais ele antes amaldiçoava, já não estava mais ao alcance da sua vista; e se ele não soubesse exatamente que morava na calma — embora inteiramente urbana — rua Charlotte, poderia acreditar que da sua janela estava olhando para um deserto, no qual o céu cinzento e a terra cinzenta se uniam sem se distinguirem um do outro. A atenta irmã precisou ver só duas vezes que a cadeira estava junto à janela para, assim que arrumava o quarto, empurra-la de novo precisamente para o mesmo lugar, daí por diante deixou aberta até a folha interna da janela.

Se ao menos tivesse podido conversar com a irmã e agradecer tudo o que ela precisava fazer por ele, Gregor teria aceitado mais facilmente os seus serviços; assim, porém, eles o faziam sofrer. Certamente a irmã procurava apagar ao máximo o que havia de penoso em tudo isso, e quanto mais o tempo passava, tanto mais, naturalmente, ela o conseguia, mas Gregor também devassava tudo com muito maior clareza. Já a entrada dela era terrível para ele. Mal havia entrado, sem se dar tempo para fechar a porta, por mais que de resto cuidasse em poupar a qualquer um a visão do quarto de Gregor, ela corria direto à janela e a escancarava com mãos apressadas, quase como se sufocasse, ali permanecendo um pouquinho — mesmo que o tempo ainda estivesse muito frio — enquanto respirava profundamente. Com essa corrida e esse barulho ela assustava Gregor duas vezes por dia; durante todo esse tempo ele tremia debaixo do sofá, sabendo muito bem que ela sem dúvida gostaria de poupa-lo disso, caso lhe fosse possível ficar num quarto com janelas fechadas onde Gregor se encontrava.

Certa vez — já havia passado bem um mês desde a metamorfose de Gregor, não existindo, pois, mais nenhum motivo especial para a irmã se espantar à vista dele — ela veio um pouco mais cedo que de costume e o encontrou quando ele ainda olhava pela janela, imóvel e, portanto numa posição propícia para assustar. Se ela não houvesse entrado, não teria sido uma surpresa para Gregor, uma vez que a posição dele a impedia de abrir imediatamente a janela; mas não só ela não entrou, como também recuou e fechou a porta; um estranho poderia ter pensado que ele estivera à sua espreita porque queria morde-la. Naturalmente ele se escondeu logo debaixo do sofá, mas teve de esperar até o meio-dia antes que a irmã voltasse, e ela parecia muito mais inquieta que de hábito. Por aí Gregor reconheceu que a visão dele continuava sendo insuportável para ela — e assim haveria de permanecer — e que seguramente ela precisava fazer um grande esforço para não sair correndo à vista mesmo da pequena parte do seu corpo que sobressaía sob o sofá. Para poupar-lhe também essa visão, um dia ele arrastou o lençol nas costas até o sofá — levou quatro horas para realizar esse trabalho — e o dispôs de tal maneira que agora ficava inteiramente coberto e a irmã não podia vê-lo nem que se

agachasse. Se na opinião dela esse lençol tivesse sido desnecessário, então ela poderia tê-lo retirado, pois estava suficientemente claro que não fora por prazer que Gregor havia se isolado de modo tão completo; mas ela deixou o lençol como estava e Gregor acreditou até mesmo ter apreendido um olhar de gratidão, quando uma vez levantou o lençol cautelosamente com a cabeça, para ver como a irmã acolhia a nova instalação.

Nas duas primeiras semanas os pais não conseguiram vencer a própria resistência para entrar no quarto de Gregor e vê-lo, e com freqüência ele ouvia como reconheciam plenamente o trabalho da irmã, ao passo que até então tinham muitas vezes se irritado com ela, porque lhes parecera uma moça algo inútil. Mas agora ambos, pai e mãe, aguardavam diante do quarto Gregor enquanto a irmã fazia a arrumação, e mal ela tinha saído, precisava contar exatamente como estavam as coisas no quarto, o que Gregor havia comido, como se comportara desta vez e se por acaso era possível notar uma pequena melhora. A mãe, aliás, quis visitar Gregor relativamente cedo, mas o pai e a irmã a impediram, a principio com argumentos racionais, que Gregor escutou com muita atenção e aprovou inteiramente. Mais tarde, porém, foi necessário que a contivessem a força, quando então ela exclamou:

— Deixem-me ver Gregor, ele é o meu pobre filho! Vocês não entendem que eu preciso vê-lo?

Gregor pensou então que talvez fosse bom se a mãe entrasse, naturalmente não todos os dias, mas quem sabe uma vez por semana; ela sabia das coisas muito melhor que a irmã, a qual, apesar de toda a sua coragem, era apenas uma criança e em última análise talvez só tivesse assumido uma tarefa tão pesada por leviandade infantil.

O desejo de Gregor de ver a mãe se realizou logo. Em consideração pelos pais, durante o dia ele não queria mostrar-se à janela; mas nos poucos de chão também não podia se arrastar muito; já durante a noite suportava mal ficar deitado quieto; a comida logo não lhe oferecia o menor prazer; e assim, para se distrair, ele adotou o hábito de ziguezaguear pelas paredes e pelo teto. Gostava particularmente de ficar pendurado no teto; era muito diferente de permanecer deitado no chão; respirava-se com mais

liberdade; uma ligeira vibração atravessava seu corpo; e, na distração quase feliz em que Gregor lá se encontrava, podia acontecer que, para sua própria surpresa, ele se soltasse e estatelasse no chão. Naturalmente tinha agora sobre o corpo um poder muito diverso do que antes e mesmo com uma queda tão grande como essa não infligia danos a si mesmo. A irmã notou logo a nova diversão que Gregor havia descoberto — ao rastejar ele deixava aqui e ali vestígios da sua substância adesiva — e então ela pôs na cabeça que devia dar a George a possibilidade de rastejar na extensão máxima do quarto, retirando os móveis que o obstavam, sobretudo o armário e a escrivaninha. Mas não era capaz de fazer tudo sozinha; o auxílio do pai ela não ousava pedir; com toda a certeza a empregada não a teria ajudado, pois essa jovem, de cerca de dezesseis anos, resistia, na verdade bravamente, desde a dispensa da antiga cozinheira, mas tinha pedido o favor de poder conservar cozinha constantemente fechada, só precisando abri-la a um chamado especial; assim, não restou à irmã outra coisa senão ir buscar a mãe, certa vez que o pai estava ausente. A mãe veio com exclamações de excitada alegria, mas silenciou junto à porta do quarto de Gregor. Naturalmente a irmã verificou primeiro se no quarto estava tudo em ordem; só depois deixou a mãe entrar. Na maior pressa, Gregor havia puxado o lençol mais fundo e com mais dobras, o conjunto parecia de fato um lençol atirado ao acaso sobre o sofá. Também desta vez Gregor deixou de espionar de debaixo do lençol; renunciou a ver a mãe por enquanto, e ficou contente por ela ter vindo.

— Venha, não dá para vê-lo — disse a irmã e evidentemente conduziu a mãe pela mão.

Gregor então ouviu como as duas frágeis mulheres removeram do lugar o armário velho e pesado e como a irmã sempre insistia em assumir a parte maior do trabalho, sem dar ouvidos às advertências da mãe, que temia que ela se esforçasse demais. Isso durou muito tempo. Já ao fim de um quarto de hora de trabalho a mãe disse que era melhor deixar o armário ali, pois em primeiro lugar ele era pesado demais, elas não terminariam antes da chegada do pai e atravancariam qualquer passagem de Gregor com o armário no meio do quarto; em segundo, não era nada certo que se fizesse um favor a

Gregor com a retirada dos móveis. A ela parecia que se dava justamente o contrário; a visão da parede nua oprimia-lhe francamente o coração; e por que Gregor não devia ter esse mesmo sentimento, uma vez que estava acostumado há tanto tempo aos móveis e iria, portanto se sentir abandonado no quarto vazio? E numa voz bem baixa, quase sussurrando, como se quisesse evitar que Gregor — cuja localização exata não conhecia — ouvisse até mesmo o som da voz, pois estava convencida de que ele não entendia as palavras, a mãe concluiu:

— Não é como se nós mostrássemos, retirando os móveis, que renunciamos a qualquer esperança de melhora e o abandonamos a própria sorte, sem nenhuma consideração? Creio que o melhor seria tentarmos conservar o quarto exatamente no mesmo estado em que estava antes, a fim de que Gregor, ao voltar outra vez para nós, encontre tudo como era e possa desse esquecer mais facilmente o que aconteceu no meio tempo.

Ao ouvir essas palavras da mãe, Gregor reconheceu que a falta de qualquer comunicação humana imediata, ligada à vida uniforme da família, devia ter confundido o seu juízo no decorrer desses dois meses, pois não podia explicar de outro modo que tivesse podido exigir a sério que seu quarto fosse esvaziado. Tinha realmente vontade de mandar que seu quarto — confortavelmente instalado com móveis herdados — se transformasse numa toca em que pudesse então certamente se arrastar imperturbado em todas as direções, ao preço, contudo do esquecimento simultâneo, rápido e total do seu passado humano? De fato agora já estava próximo de esquecer, e só a voz da mãe, que havia muito tempo não escutava, o havia sacudido. Nada deveria ser afastado; tudo deveria permanecer, não podia se privar dos bons influxos dos móveis sobre o seu estado; e se os móveis o impediam de rastejar em roda sem objetivo, então isso não era um prejuízo, mas sim uma grande vantagem.

Mas infelizmente a irmã tinha outra opinião; ela havia se habituado — seja como for, de uma maneira inteiramente justificada — a se apresentar diante dos pais, nas conversas sobre as questões de Gregor, como perita, e assim, também agora, o conselho da mãe foi motivo suficiente para a irmã insistir na retirada não apenas do armário e da escrivaninha — na qual ela no

início tinha pensado — mas também na de todos os móveis, com exceção do indispensável sofá. Naturalmente não era apenas a teimosia infantil a autoconfiança, adquirira nos últimos tempos que a levara a essa experiência, de um modo tão inesperado e difícil; ela tinha também observado efetivamente que Gregor precisava de muito espaço para rastejar, ao passo que — até onde podia ver — não usava o mínimo que fosse os móveis.

Mas talvez também desempenhasse aí um papel aquele espírito entusiasta das jovens de sua idade, que busca se satisfazer em qualquer ocasião, e através do qual Grete agora se deixava atrair ao querer tornar a situação de Gregor mais assustadora, a fim de poder então realizar por ele mais ainda do que até agora. Pois num espaço em que Gregor dominasse inteiramente só as paredes vazias, com certeza ninguém, a não ser Grete, jamais se atreveria a penetrar.

E assim ela não se deixou desviar da sua decisão pela mãe, que também parecia insegura, naquele quarto, com tanta inquietação; logo emudeceu e ajudou a filha, na medida das suas forças, a transportar o armário para fora. Bem, no caso de necessidade Gregor ainda podia se privar do armário, mas a escrivaninha tinha de ficar. E mal as mulheres tinham deixado o quarto com o armário, de encontro ao qual se comprimiam gemendo, Gregor pôs a cabeça para fora, de sob o sofá, para ver como poderia intervir com cuidado e o máximo de consideração. Mas por infelicidade foi justamente à mãe a primeira a voltar, enquanto Grete, no quarto vizinho, abraçava o armário e sozinha o jogava de lá para cá, naturalmente sem tira-lo do lugar. Mas a mãe não estava acostumada à visão de Gregor; poderia faze-la ficar doente; e por isso ele foi de marcha à ré, assustado, até a outra extremidade do sofá, mas sem poder mais impedir que o lençol à frente se mexesse um pouco. Isso bastou para chamar a atenção da mãe. Ela parou de repente, ficou um instante quieta e depois voltou para a companhia de Grete.

Embora Gregor dissesse continuamente a si mesmo que não estava acontecendo nada de extraordinário, que apenas alguns móveis seriam trocados de lugar, aquele ir-e-vir das mulheres, seus curtos chamados, o arrastar de móveis no chão, produziam nele — como logo teve de admitir — o efeito de um grande tumulto alimentado por todos os lados, e ele precisou dizer consigo mesmo,

por mais que encolhesse a cabeça e as pernas, e espremesse o corpo no chão, que não ia agüentar tudo aquilo por muito tempo. Elas lhe esvaziaram o quarto, privavam-no de tudo o que lhe era caro; já tinham carregado para fora o armário em que se achavam a serra e outras ferramentas; soltavam agora a escrivaninha fortemente cravada no chão, na qual havia escrito suas lições como estudante de comércio, ginasiano e até como escolar — então realmente não tinha mais tempo para testar as boas intenções das duas mulheres, cuja existência, aliás, já havia quase esquecido, pois elas trabalhavam mudas de cansaço e só ouvia a pesada batida dos seus pés.

E com isso ele irrompeu para fora — nesse exato momento as mulheres estavam no quarto vizinho, apoiadas na escrivaninha para tomar um pouco de fôlego, — mudou de direção quatro vezes, realmente não sabia o que salvar primeiro então viu, saliente na parede de resto vazia, a imagem pendurada da dama toda vestida de peles, rastejou as pressas para o alto e comprimiu-se contra o vidro, que o reteve e fez bem à sua barriga quente. Pelo menos essa imagem, que Gregor agora cobria pó completo, ninguém certamente levaria embora. Ele torceu a cabeça em direção à porta da sala de estar, para observar o retorno das mulheres.

Elas não tinham se concedido muito descanso e já estavam voltando; Grete havia colocado o braço em torno da mãe e quase a arrastava.

— Bem, o que vamos levar agora? — disse Grete e olhou em volta.

Então os olhares dela cruzaram-se com os de Gregor na parede. Sem dúvida só por causa da presença da mãe ela manteve a compostura; inclinou o rosto para a mãe a fim de evitar que esta olhasse ao seu redor e disse — seja como for, trêmula e sem refletir:

— Venha, é melhor voltarmos um instante para a sala de estar.

Para Gregor a intenção de Grete era clara, ela queria pôr a mãe a salvo e depois enxotá-lo parede abaixo. Bem ela que tentasse! Ele estava sentado em cima da sua imagem e não ia entrega-la. Preferia antes saltar no rosto de Grete.

Mas as palavras de Grete haviam na verdade intranqüilizado a mãe; ela deu um passo para o lado, divisou a gigantesca mancha

marrom no papel da parede florido e, antes que realmente chegasse à sua consciência que o que ela via era Gregor, exclamou com voz esganiçada e áspera:

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!

Como se desistisse de tudo, ela caiu de braços abertos sobre o sofá, não se móvel.

— Você, Gregor! — gritou a irmã com um punho cerrado erguido na sua direção e olhos penetrantes.

Eram as primeiras palavras que endereçava diretamente a ele desde a metamorfose. Correu ao quarto vizinho para pegar alguma essência com que pudesse despertar a mãe do desmaio; Gregor queria também ajudar — para salvar o quadro ainda havia tempo — mas estava firmemente colado ao vidro e precisava se soltar à força; depois correu também para o quarto vizinho, como se pudesse, à maneira de antigamente, dar algum conselho à irmã; mas aí teve de ficar bem atrás dela sem fazer nada; enquanto vasculhava em diversos frascos ela, ao girar o corpo, ainda levou um susto; uma garrafa caiu no chão e se quebrou; um estilhaço feriu Gregor na cara, algum remédio corrosivo escorreu por ele; Grete então pegou, sem mais de deter, quantos frascos podia segurar e disparou com eles em direção à mãe; a porta ela bateu com o pé. Gregor ficou então isolado da mãe, que por culpa sua talvez estivesse perto da morte; não podia abrir a porta, se não quisesse afugentar a irmã que precisava permanecer junto à mãe; agora não tinha outra coisa a fazer senão esperar; e oprimido por autocensuras e apreensão começou a rastejar — rastejou por cima de tudo, paredes, móveis, teto, e no seu desespero, quando todo o quarto começou a virar ao seu redor, caiu finalmente em cima da grande mesa.

Finalmente, acossado pelo desespero, viu a sala a andar a roda e caiu no meio da grande mesa.

Passou um pouco de tempo; Gregor jazia ali, extenuado, em torno estava silencioso, talvez isso fosse um bom sinal. Então soou a campainha da porta. A empregada, naturalmente, estava encerrada na sua cozinha e por isso Grete precisava ir abrir a porta. O pai tinha chegado.

— O que aconteceu? — foram suas primeiras palavras; a aparência de Grete sem dúvida havia denunciado tudo.

Grete respondeu com voz abafada, obviamente comprimia o rosto no peito do pai.

— A mãe desmaiou, mas agora já está melhor. Gregor escapou.

— Eu já esperava — disse o pai. — Eu sempre disse isso a vocês, mas vocês as mulheres não quiseram me ouvir.

Para Gregor era evidente que o pai havia interpretado mal a comunicação demasiado breve de Grete e assumido que Gregor era culpado de algum ato de violência. Por isso ele agora precisava aplacar o pai, pois não tinha tempo nem possibilidade de esclarece-lo. E assim se refugiou junto à porta do seu quarto, apertando-se contra ela, para que o pai, ao entrar — vindo da ante-sala, — pudesse logo ver que Gregor tinha melhor intenção de voltar imediatamente ao seu quarto, e que não era necessário toca-lo para lá, mas apenas abrir a porta para que lê num instante desaparecesse.

Mas o pai não estava num estado de ânimo capaz de notar essas sutilezas.

— Ah! — exclamou logo à entrada, num tom de quem está ao mesmo tempo furioso e contente.

Gregor recuou a cabeça da porta e ergueu-a na direção do pai. Realmente não o tinha imaginado assim como ele ali estava; seja como for, absorvido nos últimos tempos pela novidade de rastejar, deixara de se ocupar como antes com os acontecimentos no resto da casa e na verdade precisaria estar preparado para encontrar as coisas mudadas. Apesar disso, apesar disso — era aquele ainda o seu pai? O mesmo homem que costumava ficar enterrado na cama exausto, quando Gregor partia para uma viagem de negócios; que nas noites de regresso o recebia de roupão na cadeira de braços; que era absolutamente incapaz de se levantar, apenas erguendo os braços em sinal de alegria, e que nos raros passeios de família, em alguns domingos do ano e nos feriados principais, caminhava com esforço entre Gregor e a mãe — que por si sós já andavam devagar — um pouco mais devagar ainda, embrulhado no seu velho casaco, apoiando-se sempre com cuidado na muleta e que, quando queria dizer alguma coisa, quase sempre parava e reunia em torno de si os acompanhantes? Agora, porém ele estava muito ereto, vestido com um uniforme azul justo, de botões dourados, como usam os contínuos de instituições bancárias; sobre o colarinho alto e duro do casaco se desdobrava o forte queixo duplo; sob as sobrancelhas

cerradas os olhos escuros emitiam olhares vívidos e atentos; o cabelo branco, outrora desgrenhado, estava penteado com uma risca escrupulosamente exata e luzidia.

Atirou o quepe — no qual estava gravado um monograma dourado, provavelmente de um banco — até o sofá, descrevendo um arco por todo o quarto, e caminhou para Gregor, o rosto irascível, as mãos nos bolsos das calças, as abas do comprido casaco do uniforme atiradas para trás. Certamente ele mesmo não sabia o que estava querendo, de qualquer modo, levantava os pés a uma altura pouco incomum e Gregor ficou espantado com o tamanho gigantesco das solas das botas. Mas não ficou nisso, já sabia desde o primeiro dia da sua nova vida que diante dele, o pai só considerava adequada a severidade extrema. E assim correu na frente do pai, parando quando ele se detinha e se apressando de novo apenas o pai se movia. Deram assim várias voltas pelo quarto, sem que nada de decisivo acontecesse, na realidade sem que tudo aquilo tivesse a aparência uma perseguição, em vista da velocidade lenta. Por causa disso Gregor permaneceu provisoriamente no chão, sobretudo temendo que o pai pudesse considerar uma maldade especial uma fuga pelas paredes ou pelo teto. Seja como for, precisou admitir a si próprio que não poderia agüentar essa corrida por muito tempo, pois enquanto o pai dava um passo, ele tinha de realizar inúmeros movimentos. A falta de fôlego começou a se fazer notar, uma vez que, mesmo nos velhos tempos, não tinha um pulmão inteiramente confiável. Enquanto cambaleava de cá para lá, quase não mantinha os olhos abertos, a fim de reunir todas as forças para a corrida; no seu torpor não pensava em outra maneira de se salvar senão correndo; e tinha esquecido que as paredes estavam à sua disposição, embora aqui elas permanecessem obstruídas por móveis cuidadosamente talhados, cheios de recortes e pontas — quando nesse momento alguma coisa, atirada de leve, voou bem ao seu lado e rolou diante dele. Era uma maçã; a segunda passou voando logo em seguida por ele; Gregor ficou paralisado de susto; continuar correndo era inútil, pois o pai tinha decidido bombardeá-lo. Da fruteira em cima do bufê ele havia enchido os bolsos de maçãs e, por enquanto sem mirar direito, as atirava uma a uma. As pequenas maçãs vermelhas rolavam como que eletrizadas pelo chão e batiam umas nas outras. Uma maçã atirada sem força, raspou as costas de Gregor, mas escorregou sem causar danos. Uma que logo se seguiu, pelo contrário, literalmente penetrou nas costas dele; Gregor quis continuar se arrastando, como se a dor

surpreendente e inacreditável pudesse passar com a mudança de lugar, mas ele se sentia como se estivesse pregado no chão e esticou o corpo numa total confusão de todos os sentidos. Com o último olhar ainda viu a porta do seu quarto ser escancarado e a mãe se precipitar de combinação à frente da filha que gritava; pois Grete a tinha aliviado das roupas para permitir que ela respirasse com liberdade enquanto estava desacordada; viu-a correr ao encontro do pai e no caminho caírem ao chão, uma a uma, as saias desapertadas; e viu quando ela tropeçando nas saias chegou até o lugar onde o pai, estava e, abraçando-o, em completa união com ele — mas nesse momento a vista de Gregor já falhava, — pedir, com as mãos na nuca do pai, que ele poupasse a vida de Gregor.

Capítulo III

O grave ferimento de Gregor, que o fez sofrer mais de um mês — a maçã ficou alojada na carne como uma recordação visível, já que ninguém ousou remove-la, — parecia ter lembrado ao pai que Gregor, a despeito de sua atual figura triste e repulsiva, era um membro da família que não podia ser tratado como um inimigo, mas diante do qual o mandamento do dever familiar impunha engolir a repugnância e suportar, suportar e nada mais.

E embora por causa da ferida Gregor agora tivesse perdido, provavelmente para sempre, algo da sua mobilidade e no momento precisasse de longos, longos minutos para atravessar o quarto, como um velho inválido de guerra — rastejar pelo alto estava fora de cogitação, — ele recebeu, por essa deterioração do seu estado, uma compensação a seu ver inteiramente satisfatória, no sentido de que todos os dias ao anoitecer a porta para a sala de estar, que uma ou duas horas antes costumava observar atentamente, era aberta de tal forma que, deitado na escuridão do seu quarto, invisível da sala de estar, ele podia ver a família toda à mesa iluminada e escutar suas conversas, de certo modo com a permissão geral, ou seja, se uma maneira totalmente diversa da anterior.

Sem dúvida não eram mais as conversas animadas dos velhos tempos, nas quais Gregor sempre pensava com alguma nostalgia quando, nos pequenos quartos de hotel, tinha de se atirar cansado à cama úmida. Agora as coisas só aconteciam na maioria das vezes com muita quietude. Logo depois do jantar o pai adormecia na sua cadeira de braços; a mãe e a irmã concitavam uma a outra ao silêncio; a mãe, muito curvada sob a luz, costurava finas roupas de baixo para uma loja de modas; a irmã, que tinha aceito um emprego como vendedora, à noite estudava estenografia e francês para conseguir talvez mais tarde um posto melhor. Às vezes o pai acordava e como se não soubesse absolutamente que tinha dormido, dizia para a mãe:

— Quanto tempo você está costurando outra vez!

E adormecia de novo, enquanto mãe e filha sorriam cansadas uma a outra.

Com uma espécie de obstinação, o pai se recusava a tirar mesmo em casa o uniforme de funcionário; e, enquanto o roupão pendia inútil do cabide ele cochilava na sua cadeira inteiramente vestido, como se estivesse sempre pronto para o serviço e aguardasse também aqui a voz do superior. Em vista disso o uniforme, que desde o início não era novo, perdeu o asseio, apesar de todo o cuidado da mãe e a irmã; e freqüentemente Gregor olhava durante serões inteiros para aquela roupa coberta de manchas e lustrosa nos seus botões dourados sempre polidos, com o qual o velho dormia de um jeito extremamente incômodo, mas apesar disso tranqüilo.

Assim que o relógio batia às dez horas a mãe, com leves exortações, tentava acordar e depois persuadir o pai a ir para a cama, pois ali não era lugar para o sono certo de que ele tinha extrema necessidade, pois precisava entrar no serviço as seis da manhã. Mas, na obstinação que o havia tomado desde funcionário, insistia sempre em ficar à mesa mais tempo, embora adormecesse regularmente e, além disso, só com o maior esforço pudesse depois ser convencido a trocar a cadeira pela cama. Então, por mais que mãe e a filha, com pequenas admoestações, o forçassem, ele sacudia a cabeça devagar, durante um quarto de hora, conservava os olhos fechados e não se levantava. A mãe o puxava pela manga, dizia-lhe palavras de carinho ao ouvido, a irmã punha de lado a lição para ajudar a mãe, mas isso não adiantava. Ele afundava ainda mais na sua cadeira. Só quando as mulheres o agarravam por baixo dos braços é que ele abria os olhos e fitava alternadamente a mãe e a irmã, momento em que costumava dizer:

— Isto sim é que é vida. Este é o descanso dos meus dias de velhice.

E apoiado nas duas mulheres erguia-se penosamente, como se para si mesmo fosse o fardo maior de todos, deixando-se levar por elas até a porta, onde as despachava com um aceno e prosseguia sozinho, enquanto a mãe depunha o mais rápido possível seus instrumentos de costura e a irmã possível seus instrumentos de costura e a irmã sua caneta para correrem atrás dele e continuarem a servi-lo.

Quem nessa família sobrecarregada e exausta tinha tempo para se ocupar de Gregor mais que o absolutamente necessário? A

economia doméstica tornou-se cada vez mais restrita; a empregada foi afinal despedida; uma faxineira imensa, ossuda, de cabelo branco esvoaçando em volta da cabeça, vinha de manhã e à noitinha para fazer o trabalho mais pesado; a mãe cuidava do resto, além de toda a costura. Aconteceu até que diversas jóias da família, que a mãe e a irmã antes tinham usado com o maior dos júbilos em festas e solenidades, foram vendidas, como Gregor ficou sabendo uma noite ao ouvir a discussão geral sobre os preços alcançados. Mas a maior de todas as queixas era sempre o fato de que não se podia deixar o apartamento — grande demais para as atuais necessidades — uma vez que não era possível imaginar como Gregor seria removido. Gregor, porém logo compreendeu que não era apenas a consideração para com ele que impedia uma mudança, já que poderia ser facilmente transportado numa caixa adequada com alguns furos de ventilação; o que detinha a família de uma troca de casa era principalmente a total falta de esperança e o pensamento de que tinha sido atingida por uma desgraça como mais ninguém em todo o círculo de parentes e conhecidos. O que o mundo exigia de gente pobre, eles cumpriam até o ponto extremo: o pai ia buscar o café da manhã para os pequenos funcionários do banco, a mãe se sacrificava pelas roupas de baixo de pessoas estranhas, a irmã corria de lá para cá atrás do balcão ao comando dos fregueses, mas as energias da família não iam mais longe que isso. E a ferida nas costas de Gregor começou a doer de novo, como se fosse recente, quando, depois de terem ido levar o pai para a cama, mãe e irmã voltaram, puseram de lado o trabalho, aproximaram suas cadeiras e ficaram sentadas já de rosto colado — instante em que a mãe, apontando para o quarto de Gregor, disse:

— Feche aquela porta, Grete.

Aí Gregor ficou outra vez no escuro, enquanto do outro lado da porta as mulheres misturavam suas lágrimas ou fitavam a mesa com os olhos secos.

Gregor passava as noites e os dias quase completamente sem sono. Às vezes pensava em reassumir os assuntos da família, exatamente como antes, na próxima vez em que a porta se abrisse; nos seus pensamentos apareceram de novo, depois de muito tempo, o chefe e o gerente, os caixeiros e os aprendizes, o contínuo tão obtuso, dois, três amigos de outras firmas, uma arrumadeira de um hotel no interior — recordação agradável e passageira, — uma moça que trabalhava na caixa de uma loja de chapéus que ele tinha cortejado seriamente, mas devagar demais; todos eles surgiram

entremeados com estranhos ou pessoas já esquecidas, mas ao invés de o ajudarem e à família, estavam sem exceção inacessíveis, e ele ficou feliz quando desapareceram. Mas depois ele já não estava mais com ânimo nenhum para cuidar da família, sentia-se simplesmente cheio de ódio pelo mau tratamento e embora não pudesse imaginar nada que lhe despertasse o apetite, fazia, no entanto planos sobre como poderia chegar à despensa para ali pegar tudo o que lhe era devido, mesmo que não tivesse fome. Agora, sem pensar mais no que pudesse agradar a Gregor, a irmã, antes de correr de manhã e ao meio-dia rumo à loja, empurrava com o pé para dentro do quarto, na maior pressa, uma comida qualquer, para ao anoitecer, não importa se esta tinha sido apreciada ou — caso mais freqüente — sequer tocada, arrasta-la para fora com uma vassourada. A arrumação do quarto, que ela agora providenciava sempre à noite, não podia ser feita com maior rapidez. Estrias de sujeira percorriam as paredes, aqui e ali havia novelos de pó e lixo. Nos primeiros tempos, à chegada da irmã, Gregor se colocava em cantos que indicavam isso de modo especial, para com essa posição de certa maneira censura-la. Mas teria certamente podido ficar ali semanas inteiras sem que ela tivesse se corrigido; Grete via a sujeira exatamente como ele, mas havia decidido deixa-la. Ao mesmo tempo, com uma suscetibilidade que nela era totalmente nova, e que na verdade acometera a família toda, velava para que lhe ficasse reservada a arrumação do quarto de Gregor. Certa vez a mãe submeteu o quarto a uma grande limpeza, que só conseguiu fazer depois de usar alguns baldes de água — de qualquer modo o excesso de umidade molestou Gregor também, que ficou deitado no sofá, largo, amargurado, imóvel, — mas o castigo da mãe não demorou. Pois ao anoitecer, mal tinha notado a alteração no quarto de Gregor, a irmã, ofendida ao extremo, correu até a sala de estar e, a despeito das mãos da mãe erguidas em súplica, rompeu num acesso de choro, ao qual no início os pais — naturalmente o pai tinha pulado de susto de sua cadeira — assistiram perplexos e sem saber o que fazer; até que também começaram a se tocar; o pai censurava, à direita, a mãe por não ter deixado a limpeza para a irmã; à esquerda, pelo contrário, vociferava que a irmã nunca mais podia limpar o quarto de Gregor; ao passo que a mãe tentava arrastar o pai, que já não sabia onde estava de tanta excitação, para o quarto de dormir, a irmã, sacudida por soluços, batia os pequenos punhos na mesa; e Gregor, cheio de raiva, sibilava alto, porque não

tinha ocorrido a ninguém fechar a porta e poupa-lo desse espetáculo e desse barulho.

Mas ainda que a irmã, exausta do trabalho profissional, estivesse saturada de cuidar de Gregor como antigamente, de modo algum teria sido necessário que a mãe ficasse no seu lugar e Gregor não precisava ser negligenciado. Pois agora havia a faxineira. Essa velha viúva, que na sua longa vida devia ter suportado as piores coisas com a ajuda de uma forte construção óssea, não tinha propriamente repulsa por Gregor. Sem que fosse de algum modo curiosa, uma vez ela havia aberto casualmente a porta do quarto de Gregor e, à vista dele — que tomado de total surpresa, embora ninguém o perseguisse, começou a correr de lá para cá, — ficou parada, admirando, com as mãos cruzadas no colo. Desde então, de manhã e à noitinha nunca perdia a oportunidade de abrir um pouco a porta e espiar rapidamente Gregor. No começo ela também o chamava ao seu encontro, com palavras que provavelmente considerava amistosas, como “venha um pouco aqui velho bicho sujo!” ou “vejam só o velho bicho sujo!”. A chamados desse tipo Gregor não respondia nada, mas ficava imóvel no seu lugar, como se a porta não tivesse sido aberta. Se ao invés de deixar a faxineira perturba-lo inutilmente, segundo o capricho do momento, eles tivessem ordenado que ela limpasse todos os dias o seu quarto! Certa vez, de manhã cedo — uma chuva violenta batia nas vidraças, talvez já um sinal da Primavera que chegava, — quando a faxineira começou de novo a usar suas expressões, Gregor ficou tão exasperado que, embora lento e débil, se voltou para ela, como que preparado para o ataque. Mas a faxineira, ao invés de sentir medo, simplesmente ergueu para o alto uma cadeira que se achava perto da porta e, pela maneira como ficou ali, a boca bem aberta, mostrou claramente a intenção de só fecha-la quando a cadeira na sua mão tivesse desabado sobre as costas Gregor.

— E então, não vai continuar? — perguntou, enquanto Gregor se virava outra vez e ela recolocava a cadeira calmamente no canto.

Agora Gregor não comia quase mais nada. Só quando por acaso passava pela comida posta para ele é que mordia por brincadeira um bocado, conservava a porção na boca durante horas e depois, na maioria das vezes, a cuspia fora. Pensou a principio

que era a tristeza pelo estado do seu quarto que o impedia de comer, mas foi justamente com as mudanças ocorridas nele que se reconciliou bem cedo. Haviam se habituado a introduzir naquele quarto as coisas que não se podia colocar em outro lugar, e existia um monte delas ali, já que um quarto do apartamento fora alugado a três inquilinos. Estes senhores sisudos — os três tinham barba cheia, como uma vez Gregor verificou por uma fresta da porta — eram obcecados pela ordem não só no seu quarto, mas também — uma vez que haviam se mudado para lá — na casa inteira, principalmente na cozinha. Não suportavam tralha inútil, muito menos suja. Além disso, haviam trazido, em sua maior parte, o próprio mobiliário. Por esse motivo tinham se tornado supérfluas muitas coisas que na verdade não se podia vender, mas que também não se queria jogar fora. Todas elas migraram para o quarto de Gregor — mesmo a lata de cinza e a lata do lixo da cozinha. Agora a faxineira, que estava sempre com muita pressa, simplesmente arremessava ao quarto de Gregor o que não era usado no momento; felizmente Gregor via, na maioria dos casos, o objeto em questão e a mão que o segurava. Talvez a faxineira tivesse a intenção de pegar as coisas de novo, conforme o tempo e a ocasião, ou então atirar todas elas fora de uma só vez; mas o fato é que elas permaneciam no lugar onde tinham sido atiradas — isso quando Gregor não se locomovia no meio do entulho e as punha em movimento, a princípio forçado, porque não havia nenhum outro espaço para rastejar, mais tarde, porém com satisfação crescente, embora depois dessas caminhadas, triste e morto de cansaço, não se movesse novamente durante horas.

Visto que os inquilinos jantavam às vezes em casa, na sala de estar comum, a porta desta ficava fechada várias noites, mas Gregor renunciou com grande facilidade à porta aberta; ele não a tinha usado já diversas noites em que ela havia permanecido assim, pois, sem que a família percebesse, ficara deitado no canto mais escuro do seu quarto. Uma vez, no entanto a faxineira deixara a porta para a sala de estar entreaberta — e assim ela continuou mesmo quando os inquilinos entraram à noite e a luz foi acesa. Eles sentaram-se à cabeceira da mesa, onde antigamente o pai, a mãe e Gregor comiam, desdobraram os guardanapos e empunharam o garfo e a

faca. Imediatamente a mãe apareceu à porta com uma travessa de carne e logo atrás dela a filha com uma travessa de batatas empulhadas alto. A comida soltava um vapor forte. Os inquilinos inclinaram-se sobre as travessas colocadas à sua frente, como se quisessem examiná-la antes de comer, e efetivamente o senhor que estava sentado no meio e parecia valer como autoridade para os outros dois cortou um pedaço de carne ainda na travessa, sem dúvida para verificar se ela estava suficientemente mole ou se acaso não devia ser mandada de volta à cozinha. Ficou satisfeito e a mãe e a irmã, que haviam observado ansiosas, começaram a sorrir, respirando com alívio.

A família mesmo ia comer na cozinha. Apesar disso o pai, antes de se dirigir à cozinha, entrou na sala de estar, fez uma única inclinação de corpo e deu uma volta em torno da mesa com o quepe na mão. Os inquilinos levantavam-se todos ao mesmo tempo e murmuravam alguma coisa dentro das suas barbas. Quando depois ficaram a sós, comeram num silêncio quase total. Pareceu estranho a Gregor que, em meio a todos os múltiplos ruídos do ato de comer, se destacasse continuamente o som dos dentes mastigando, como se com isso quisessem mostrar a ele que era preciso ter dentes para comer e que mesmo com as mais belas mandíbulas sem dentes não se podia fazer nada.

— Eu tenho apetite, sim — disse Gregor a si mesmo, preocupado, — mas não por essas coisas. Como se alimentam esses inquilinos, e eu aqui morrendo!

Exatamente nesta noite — Gregor não se lembrava de tê-lo ouvido durante todo aquele tempo — o violino soou na cozinha. Os inquilinos já tinham terminado o jantar, o senhor do meio havia puxado um jornal, e os três liam e fumavam recostados nas cadeiras. Quando o violino começou a tocar, eles prestaram atenção, se levantaram e foram na ponta dos pés até à porta da ante-sala, junto à qual pararam espremidos um contra o outro. Deviam tê-los ouvido da cozinha, pois o bradou:

— Por acaso a música incomoda os senhores? Ela pode ser imediatamente interrompida.

— Pelo contrário — disse o senhor do meio. — Será que a senhorita não gostaria de vir até nós e tocar aqui na sala, onde é muito mais cômodo e confortável?

— Oh, pois não — exclamou o pai de Gregor, como se fosse ele o violinista.

Os inquilinos voltaram para a sala de estar, e ficaram esperando. Logo chegou o pai de Gregor com a estante da partitura e a irmã com o violino. Grete preparou tudo tranqüilamente para tocar; os pais, que nunca antes haviam alugado quartos e por isso exageravam na gentileza com os inquilinos, não ousaram sentar-se nas próprias cadeiras; o pai se inclinou sobre a porta, com a mão direita enfiada entre dois botões do casaco do uniforme, que ele conservava fechado; mas um dos senhores ofereceu à mãe uma cadeira e ela ficou sentada à parte, num canto da sala, por ter deixado a cadeira no lugar onde o senhor a havia posto.

A irmã começou a tocar, o pai e a mãe, cada um do seu lado, acompanharam atentamente os movimentos das suas mãos. Atraído pela música, Gregor tinha ousado avançar um pouco e já estava com a cabeça dentro da sala de estar. Dificilmente o surpreendia o fato de que nos últimos tempos levava os outros tão pouco em conta; essa consideração tinha sido, antes, o seu orgulho. E, no entanto justamente agora ele deveria ter mais motivo para se esconder, pois por causa do pó, que se depositava em toda parte no seu quarto, e que ao menor movimento voava em volta, ele também estava todo coberto de poeira; sobre as costas e pelos lados arrastava consigo fios, cabelos, restos de comida; sua indiferença diante de tudo era grande demais para que, como antes, tivesse ficado de costas e se esfregado no tapete várias vezes durante o dia. E a despeito desse estado não teve pejo de se adiantar um pouco sobre o assoalho imaculado da sala.

Seja como for ninguém prestava atenção nele. A família estava completamente absorvida pelo violino; os inquilinos, ao contrário, que a principio haviam se colocado, as mãos nos bolsos das calças, perto demais da irmã, atrás da estante da partitura, de tal modo que todos eles poderiam ver as notas, o que certamente devia perturbar a irmã, logo retrocederam até a janela, as cabeças baixas, conversando a meia voz, e ali permaneceram, ansiosamente

observados pelo pai. Realmente isso agora tinha a aparência mais que nítida de que estavam decepcionados na sua expectativa de ouvir uma música de violino bonita ou capaz de entreter — de que estavam saturados de toda a apresentação e só por polidez ainda se deixavam perturbar no seu sossego. Especialmente o modo como sopravam para o alto a fumaça dos seus charutos pelo nariz e pela boca permitia deduzir o grande nervosismo deles. E, no entanto a irmã tocava com tanta beleza! O rosto dela estava inclinado para o lado, seus olhares seguiam perscrutadores e tristes as linhas da partitura. Gregor rastejou mais um trecho à frente, mantendo o corpo rente ao chão, para se possível captar os seus olhos. Era ele um animal, já que a música o comovia tanto? Era como se lhe abrisse o caminho para o alimento almejado e desconhecido. Estava decidido a chegar até a irmã, puxa-la pela saia e com isso indicar que ela devia ir ao seu quarto com o violino, pois ninguém aqui apreciava sua música como ele desejava fazer. Não queria mais deixa-la sair do quarto, pelo menos não enquanto ele vivesse; pela primeira vez sua figura assustadora deveria tornar-se útil; queria estar em todas as portas do seu quarto ao mesmo tempo e bufar contra os agressores; mas a irmã não deveria ficar com ele coagida, e sim voluntariamente; deveria permanecer ao seu lado, sentada no sofá, baixar o ouvido até ele, quando então ele confiaria a ela que tivera a firme intenção de manda-la ao conservatório e que, se nesse meio tempo não houvesse acontecido à desgraça, teria contado isso a todos no Natal passado — será mesmo que o Natal já tinha passado? — sem se preocupar com quaisquer objeções. Depois dessa explicação, a irmã romperia em lágrimas de comoção e Gregor se levantaria até o seu ombro e beijaria o seu pescoço, que ela conservava sem fita ou colar desde que entrara na loja.

— Senhor Samsa! — bradou para o pai o inquilino do meio e com o indicador, sem perder mais palavras, mostrou Gregor, que se movia lentamente para frente.

O violino emudeceu, o inquilino do meio primeiro sorriu para seus amigos, balançando a cabeça, e depois olhou para Gregor outra vez. O pai parecia ter considerado mais urgente acalmar os inquilinos do que expulsar Gregor; estes, entretanto não estavam nem um pouco agitados e davam a impressão de que Gregor os

entretinha mais que o violino Correu até eles e procurou, com os braços esticados, forçá-los a ir para o quarto, ao mesmo tempo em que tentava com o corpo tirar-lhes a visão de Gregor. Então eles ficaram de fato um pouco bravos, não se sabia mais se com o comportamento do pai ou o conhecimento — que agora lhes vinha à consciência — de terem, sem saber, possuído um vizinho de quarto como Gregor. Exigiram explicações do pai, ergueram por seu turno os braços, puxaram a barba intranqüilos e só lentamente recuaram na direção do seu quarto. Nesse ínterim a irmã tinha superado o desligamento em que havia caído após a apresentação bruscamente interrompida; depois de ter ficado algum tempo com o violino e o arco nas mãos que pendiam lassas, e de ter olhado para a partitura como se ainda estivesse tocando, ela havia se recomposto de um só golpe, colocado o instrumento no colo da mãe, que ainda estava sentada na sua cadeira com dificuldades de respiração e os pulmões trabalhando freneticamente, e correra para o quarto ao lado, do qual os inquilinos, sob a pressão do pai, já se aproximavam mais rapidamente que antes. Podia-se ver como, sob as mãos experientes da irmã, voavam para o alto e se ordenavam os cobertores e travesseiros nas camas. Antes ainda que os inquilinos tivessem chegado ao quarto, ela havia terminado a arrumação das camas e se esgueirado para fora. O pai parecia outra vez acometido de tal modo da sua obstinação que esqueceu todo o respeito que ainda devia aos seus inquilinos. Pressionou, pressionou, até que, já na porta do quarto, o inquilino do meio bateu atroadoramente o pé no chão e dessa maneira fez o pai parar.

— Declaro por este meio — disse ele, erguendo a mão e procurando também a mãe e a irmã com o olhar — que eu, levando em conta as condições repulsivas reinantes nesta casa e nesta família — aqui ele cuspiu no chão, rápido e decidido, — rescindo neste momento a locação do meu quarto. Naturalmente não vou pagar o mínimo que seja nem pelos dias que aqui passei; pelo contrário, vou ainda refletir se não movo contra o senhor alguma ação com reivindicações que serão — acredite-me — muito fáceis de fundamentar.

Silenciou e olhou para frente, como se esperasse alguma coisa. De fato seus dois amigos intervieram imediatamente com as palavras:

— Nós também rescindimos neste momento a locação.

Depois disso, agarrou a maçaneta da porta e fechou-a com um estrondo.

O pai, com as mãos tateantes vacilou até a sua cadeira e se deixou cair nela; parecia que esticava o corpo para a soneca habitual do anoitecer, mas o forte balanço da cabeça — como se ela tivesse perdido a sustentação — mostrava que ele de modo algum dormia. Durante todo esse tempo Gregor esteve deitado no lugar onde os inquilinos o haviam surpreendido. A decepção com o malogro do seu plano, mas talvez a fraqueza causada por muita fome, tornavam impossível que ele se movesse. Com certa clareza, temia já para o instante seguinte uma avalanche geral descarregada em cima dele e ficou aguardando. Não o sobressaltou nem mesmo o violino que, entre as mãos trêmulas da mãe, caiu do seu colo e emitiu um som retumbante.

— Queridos pais — disse a irmã, e como introdução bateu com a mão na mesa, — assim não pode continuar. Se vocês acaso não compreendem, eu compreendo. Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro e por isso digo apenas o seguinte: precisamos nos livrar dele. Procuramos fazer o que é humanamente possível para trata-lo e suporta-lo e acredito que ninguém pode nos fazer a menor censura.

— Ela tem mil vezes razão, — disse o pai consigo mesmo.

A mãe, que ainda não podia respirar direito, começou a tossir, em som surdo, na mão espalmada, com uma expressão alucinada nos olhos.

A irmã correu até a mãe e segurou-lhe a testa. O pai, que através da irmã parecia ter chegado a pensamentos mais definidos, havia se sentado em posição ereta e ficou brincando com o quepe de funcionário entre os pratos do jantar dos inquilinos que ainda jaziam sobre a mesa; de vez em quando olhava para Gregor, que estava quieto.

— Precisamos tentar nos livrar *disso* — disse então a irmã exclusivamente ao pai, pois a mãe não ouvia nada com a tosse. —

Isso ainda vai matar a ambos, eu vejo esse momento chegando. Quando já se tem de trabalhar tão pesado, como nós, não é possível suportar em casa mais esse eterno tormento. Eu não agüento mais.

E rompeu no choro tão violentamente que suas lágrimas escorreram sobre o rosto da mãe, que as limpava com movimentos mecânicos de mão.

— Filha — disse o pai, compassivo e com evidente compreensão. — Mas o que devemos fazer?

A filha sacudiu os ombros como sinal da desorientação que a havia possuído durante o choro, em contraste com a segurança de antes.

— Se ele nos entendesse... — disse o pai, meio que perguntando; no meio do choro Grete sacudiu freneticamente a mão para mostrar que não se podia pensar nisso.

— Se ele nos entendesse — repetiu o pai e com um fechar de olhos acolheu a convicção da filha sobre essa impossibilidade — então talvez fosse possível um acordo com ele. Mas assim...

— É preciso que isso vá para fora — exclamou a irmã de Gregor. — É o único meio, pai. Você simplesmente precisa se livrar do pensamento de que é Gregor. Nossa verdadeira infelicidade é termos acreditado nisso até agora. Mas como é que pode ser Gregor? Se fosse Gregor, ele teria há muito tempo compreendido que o convívio de seres humanos com um bicho assim não é possível e teria ido embora voluntariamente. Nesse caso não teríamos o meu irmão, mas poderíamos continuar vivendo e honrar a sua memória. Mas como está, esse bicho nos persegue, expulsa os inquilinos, quer certamente ocupar o apartamento todo e nos fazer pernoitar na rua. Assim, esta criatura nos persegue e afugenta nossos hóspedes. É evidente que a casa toda só para ele e, por sua vontade, iríamos todos dormir na rua. Veja, pai... — gritou de repente, — ele já começou de novo!

E num susto inteiramente incompreensível para Gregor, a irmã abandonou até a mãe, literalmente disparou da sua cadeira, como se preferisse sacrificar a mãe a ficar perto de Gregor, e correu para trás do pai, excitado tão-só pelo seu comportamento também se levantou e diante dela ergueu os braços pela metade, como que para proteger a irmã.

Mas Gregor não tinha a menor intenção de causar medo a ninguém, muito menos a irmã. Simplesmente havia começado a girar o corpo para voltar ao seu quarto e isso de qualquer modo chamava a atenção, uma vez que, em conseqüência do seu estado enfermiço, precisava, na difícil manobra, ajudar com a cabeça, que ele levantava várias vezes e batia contra o chão. Parou e olhou em torno. Sua boa intenção parecia ter sido reconhecida; tinha sido apenas um susto momentâneo. Agora todos o fitavam silenciosos e tristes. A mãe jazia na sua cadeira com as pernas esticadas e coladas uma à outra, os olhos quase fechados de esgotamento; o pai e a irmã estavam sentados lado a lado, a irmã havia colocado a mão em volta do pescoço do pai.

— Agora talvez eu já possa me virar — pensou Gregor e recomeçou o seu trabalho.

Não podia reprimir o resfolgar do esforço e aqui e ali precisava repousar. De resto ninguém o pressionava, tinham-no deixado fazer tudo sozinho. Quando havia completado a volta, começou imediatamente a retornar ao quarto em linha reta. Admirou-se com a grande distância que o separava do seu quarto e não entendia absolutamente como, apesar da fraqueza, tinha havia pouco tempo percorrido, quase sem o perceber, o mesmo caminho. Sempre às voltas com o pensamento de rastejar rápido, mal prestou atenção ao fato de nenhuma palavra, nenhum chamado da sua família, o perturbava. Só quando já estava na porta ele virou a cabeça, mas não completamente, pois sentia o pescoço endurecer, no entanto ainda viu que atrás dele nada se alterara, apenas a irmã tinha se levantado. Seu último olhar percorreu a mãe, que estava agora completamente adormecida.

Mal estava dentro do seu quarto, quando a porta foi batida na maior pressa, travada e fechada a chave. Gregor assustou-se tanto com o súbito barulho atrás dele que suas perninhas dobraram. Era a irmã que havia se apressado assim. Ela já tinha se levantado lá na sala e esperado; depois, com os pés leves, havia saltado para frente — Gregor não tinha de modo algum podido escuta-la — e, girando a chave na fechadura gritado para os pais:

— Finalmente!

— E agora? — pensou Gregor consigo mesmo e olhou ao redor na escuridão.

Logo descobriu que não podia absolutamente mais se mexer. Não se admirou com esse fato, pareceu-lhe antes pouco natural que até agora tivesse conseguido se movimentar com aquela perninhas finas. No restante sentia-se relativamente confortável. Na realidade tinha dores no corpo todo, mas para ele era como se elas fossem ficar cada vez mais fracas e finalmente desaparecer por completo. A maçã apodrecida nas suas costas e a região inflamada em volta, inteiramente cobertas por uma poeira mole, quase não o incomodavam. Recordava-se da família com emoção e amor. Sua opinião de que precisava desaparecer era, se possível, ainda mais decidida que a da irmã. Permaneceu nesse estado de meditação vazia e pacífica até que o relógio da torre bateu a terceira hora da manhã. Ele ainda vivenciou o início do clarear geral do dia lá do lado de fora da janela. Depois, sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das suas ventas fluiu fraco e último fôlego.

Quando a faxineira chegou de manhã cedo — a partir da sua chegada não era mais possível nenhum sono tranqüilo na casa inteira, tal a força e a pressa com que batia todas as portas, por mais que lhe tivessem pedido que evitasse fazer isso, — ela não descobriu, a principio, nada de especial na curta e costumeira visita a Gregor. Pensou que ele estava deitado ali premeditadamente imóvel e que fazia o papel de ofendido, pois lhe creditava todo o entendimento possível. Por estar casualmente segurando na mão a vassoura de cabo comprido, tentou, da porta, fazer cócegas com ela em Gregor. Quando isso também não deu resultado, ficou irritada, espetou Gregor um pouco e só depois que o havia empurrado do lugar sem achar resistência é que prestou mais atenção. Ao reconhecer a verdade dos fatos arregalou os olhos, deu um assobio, mas não se deteve muito tempo: escancarou a porta do quarto de dormir e bradou em voz alta para dentro do escuro:

— Venham só ver uma coisa: ele empacotou! Está lá empacotado de uma vez!

O casal Samsa ficou sentado no leito conjugal fazendo um esforço para superar o susto com a faxineira antes que chegassem a

entender o que ela comunicava. Mas depois o senhor e senhora Samsa, cada um do seu lado, desceram da cama o mais rápido possível; o senhor Samsa atirou sobre os ombros o cobertor, a senhora Samsa saiu só de camisola e assim entraram no quarto de Gregor. Nesse meio tempo tinha sido também a porta da sala de estar, na qual Grete dormia desde a entrada dos inquilinos; estava completamente vestida, como se não tivesse dormido nada; o rosto pálido parecia comprova-lo.

— Morto? — disse a Senhora Samsa, e ergueu os olhos interrogativamente para a faxineira, embora pudesse verificar por si mesma e até reconhecer tudo sem verificação.

— É o que estou tentando dizer — disse a faxineira e para provar empurrou o cadáver de Gregor com a vassoura mais um longo trecho para o lado.

A Senhora Samsa esboçou um movimento, como se quisesse deter a vassoura, mas não o fez.

— Bem — disse o Senhor Samsa, — agora podemos agradecer a Deus.

Fez o sinal-da-cruz e as três mulheres seguiram o seu exemplo. Grete, que não desviava os olhos do cadáver, disse:

— Vejam só como ele estava magro. Também já fazia muito tempo que não comia nada! Assim como entrava, a comida saía de novo.

De fato o corpo de Gregor estava completamente plano e seco, na verdade só agora se reconhecia isso, uma vez que ele já não estava erguido sobre as perninhas e nada mais distraia o olhar.

— Grete, entre um instantinho conosco — disse à senhora Samsa com um sorriso melancólico e Grete, não sem olhar para trás, na direção do cadáver, seguiu os pais até o quarto de dormir. A faxineira fechou a porta e abriu completamente a janela. Embora fosse de manhã cedo já se misturava ao ar fresco um pouco de mornidão. Afinal já era fim de março.

Os três inquilinos saíram do seu quarto e olharam perplexos ao redor, à procura do seu café da manhã; tinham-nos esquecidos.

— Onde está o café da manhã? — perguntou rabugentamente à faxineira o inquilino do meio.

Mas esta pôs o dedo na boca e em seguida, apressada e sem uma palavra, acenou para que os senhores chegassem ao quarto de Gregor. Eles foram e, com as mãos nos bolsos dos seus paletós um tanto puídos, ficaram em pé à volta do cadáver de Gregor, no quarto já inteiramente iluminado.

Abriu-se então a porta do quarto de dormir e o senhor Samsa apareceu na sua libré, a esposa num braço e a filha no outro. Todos tinham o ar de quem havia chorado um pouco; de vez em quando, Grete comprimia o rosto no braço do pai.

— Deixem imediatamente a minha casa! — disse o senhor Samsa e apontou para a porta, sem se afastar das mulheres.

— O que o senhor está querendo dizer com isso? — disse algo atônito o senhor do meio e sorriu docemente.

Os outros dois conservavam as mãos atrás das costas e as esfregavam sem parar, como se esperassem com alegria uma grande contenda, mas que devia terminar com vantagem para eles.

— Estou querendo dizer exatamente o que afirmei — respondeu o senhor Samsa e marchou em linha cerrada com as duas acompanhantes ao encontro do inquilino.

Este a princípio ficou parado olhando o chão, como se as coisas se juntassem na sua cabeça numa nova ordem.

— Bem, então nós vamos embora — disse depois e levantou os olhos para o senhor Samsa, como se, acometido de súbita humildade, pedisse de novo licença para essa decisão.

O senhor Samsa fez-lhe apenas vários acenos breves com a cabeça, os olhos bem abertos. Diante disso o inquilino caminhou efetivamente com passadas largas para a ante-sala; seus dois amigos, que já estavam escutando fazia algum tempo, as mãos completamente calmas, iam agora saltitando bem atrás dele, como se temessem que o senhor Samsa pudesse entrar na ante-sala à sua frente, interrompendo a ligação com o chefe. Na ante-sala os três tiraram os chapéus do cabide, puxaram suas bengalas do porta-bengalas, inclinaram-se em silêncio e deixaram o apartamento. Numa desconfiança que se mostrou completamente infundada, o senhor Samsa foi até o vestíbulo com as duas mulheres; curvados sobre o corrimão observaram os três senhores descerem a longa escada — na verdade devagar, mas continuamente, —

desapareceram em cada andar numa determinada curva da escadaria e ressurgirem alguns instantes depois; quanto mais desciam, tanto mais se perdia o interesse da família Samsa por eles, e quando um entregador de carne subiu na sua direção e passou à sua frente, escada acima, com a encomenda na cabeça, numa postura altiva, com a encomenda na cabeça, numa postura altiva, o senhor Samsa abandonou rapidamente o corrimão, junto com as mulheres, e todos voltaram, como que aliviados, ao seu apartamento.

Decidiram dedicar o dia ao repouso e ao passeio; não só mereciam, como necessitavam absolutamente dessa interrupção no trabalho. E assim sentaram-se à mesa para escrever três cartas de desculpa, o senhor Samsa à direção do banco, a senhora Samsa ao seu empregador e Grete ao proprietário da loja. Enquanto escreviam, entrou a faxineira para dizer que ia embora, pois o seu trabalho da manhã havia terminado. A princípio os três simplesmente menearam a cabeça, sem erguer os olhos; só quando a faxineira não fez menção de se afastar é que eles olharam irritados para ela.

— E então? — perguntou o senhor Samsa.

A faxineira estava junto à porta, sorridente, como se tivesse de anunciar à família uma grande boa notícia, mas só o faria se interrogada a fundo. A pequena e reta pena de pavão em cima do seu chapéu, com a qual o senhor Samsa já se irritara durante o seu tempo de serviço, balançava leve em todas as direções.

— O que é que a senhora está querendo? — perguntou a senhora Samsa, pela qual a faxineira ainda tinha o máximo respeito.

— Ah, sim — respondeu a faxineira, que por causa do riso amigável não pôde continuar falando. — A senhora não precisa se preocupar com o jeito de jogar fora a coisa aí do lado. Já está tudo em ordem.

A senhora Samsa e Grete inclinaram-se sobre as cartas, como se quisessem continuar escrevendo; o senhor Samsa percebendo que a faxineira queria agora começar a descrever tudo em minúcia, repeliu isso decididamente com a mão esticada. Já que não tinha

permissão para contar, a faxineira se lembrou de que estava com muita pressa e, obviamente ofendida, exclamou:

— Até logo para todos.

Virou-se selvagemente e deixou o apartamento em meio a um formidável bater de portas.

— Hoje à noite ela será despedida — disse o senhor Samsa, mas não obteve resposta nem da mulher, nem da filha, pois a faxineira parecia ter perturbado a tranqüilidade que mal tinham reconquistado. As duas se levantaram, foram até a janela e lá ficaram, mantendo-se abraçadas. O senhor Samsa virou-se para elas da sua cadeira e ficou observando-as em silêncio por momento. Depois bradou:

— Agora venham aqui. Parem de pensar no que passou. E tenham um pouco de consideração por mim.

As mulheres obedeceram-lhe logo, correram para ele, acariciaram-no e terminaram rápido suas cartas.

Depois os três deixaram juntos o apartamento, coisa que não faziam havia meses, e foram de bonde elétrico para o ar livre no subúrbio da cidade. O bonde em que ficaram sentados sozinhos estava totalmente iluminado pelo sol cálido. Recostados com conforto nos seus bancos, conversaram sobre as perspectivas do futuro, descobrindo que, examinadas de perto, elas não eram de modo algum más, pois os três tinham empregos muito vantajosos e particularmente promissores — sobre os quais, na verdade, nunca tinham feito perguntas pormenorizadas um ao outro. É claro que a grande melhora imediata da situação viria, facilmente, da mudança de casa; eles agora queriam um apartamento menor e mais barato, mas mais bem situado e, sobretudo mais prático do que o atual, que tinha sido escolhido ainda por Gregor. Enquanto conversavam assim, ocorreu ao senhor e à senhora Samsa, quase que simultaneamente, à vista da filha cada vez mais animada, que ela — apesar da canseira dos últimos tempos, que empalidecera suas faces — havia florescido em uma jovem bonita e opulenta. Cada vez mais silenciosos e se entendendo quase inconscientemente através de olhares, pensaram que já era tempo de procurar um bom marido para ela. E pareceu-lhes como que uma confirmação dos seus novos sonhos e boas intenções quando, no fim da viagem, a irmã se levantou em primeiro lugar e espreguiçou o corpo jovem.